



Instituto Politécnico
de Castelo Branco
Escola Superior
de Educação

Perfil de Liderança de Treinadores de Desporto Adaptado de atletas com Dificuldade Intelectual e Desenvolvemental participantes no Special Olympics

Inês Vieira Fernandes

Orientadores

Professora Doutora Maria Helena Ferreira de Pedro Mesquita

Professor Doutor Marco Alexandre da Silva Batista

Dissertação de Mestrado apresentado à Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Atividade Física – Especialidade em Desporto Adaptado, realizada sob a orientação científica do Professor Doutor Marco Alexandre da Silva Batista e da Professora Doutora Maria Helena Ferreira de Pedro Mesquita, do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

Março, 2020

Composição do júri

Presidente do júri

Professor Doutor Válder Victorino Lemos

Professor Coordenador da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco,

Vogais

Professora Doutora Carla Maria Chicau Costa Borrego

Professora Coordenadora da Escola Superior de Desporto de Rio Maior do Instituto Politécnico de Santarém

Professor Doutor João Carlos Rodrigues Rocha

Professor Adjunto Convidado da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco

Professor Doutor Marco Alexandre da Silva Batista

Professor Adjunto da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco

Dedicatória

À minha família e amigos pelo seu apoio incondicional,
conselhos, paciência e incentivo durante todo este percurso.

A TODOS, UM ENORME OBRIGADO!

Agradecimentos

Termino mais uma etapa da minha formação acadêmica, à qual dediquei o meu tempo, trabalho e dedicação, quero agradecer a todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para que este estudo pudesse ser concluído.

Contudo, superar este desafio com sucesso não teria sido possível sem o apoio, o conhecimento, o incentivo e as palavras de força e coragem de várias pessoas ao longo deste percurso.

Começo por prestar o meu agradecimento ao Professor Marco Batista e à Professora Helena Mesquita, orientadores deste Projeto. Agradeço toda a disponibilidade, conhecimento e comprometimento com que se dedicou a este trabalho, agradeço todas as suas sugestões, apoio e orientação.

Agradeço a todas as instituições, treinadores e atletas que gentilmente participaram neste estudo, pela sua colaboração e cooperação. Obrigada a todos pela simpatia, generosidade e pelo comprometimento com que se envolveram neste trabalho.

Um obrigada em especial à Telma Soares, por todo o apoio, ajuda e amizade durante todo este percurso.

Aos amigos de sempre, que sempre me apoiaram, dando-me força, incentivo e coragem para continuar.

Aos meus pais, irmã e avó, por todo o apoio, encorajamento, princípios e valores que me tem transmitido durante todo o percurso.

A um dos pilares fundamentais, por toda a ajuda, encorajamento, incentivo, paciência, companheirismo e amizade. Obrigada.

A todos, o meu MUITO OBRIGADA!

Resumo

Neste estudo o principal objetivo foi identificar e explorar os estilos de liderança dos treinadores de Desporto Adaptado (TDA) através da autoperceção dos mesmos, e da perceção e preferências dos atletas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais (DID).

Participaram neste estudo 125 sujeitos (N=125), dos quais 94 são atletas com DID praticantes no Special Olympics Portugal (SOP) e os restantes 31 são treinadores de desporto adaptado de atletas com DID (TDA-DID). Dos atletas, 29% (N=27) são do género feminino e 71% (N=67) do género masculino e nos treinadores 32 % (N=10) são do género feminino e 68% (N=21) do género masculino.

O instrumento utilizado foi a Escala de Liderança no Desporto de Chelladurai e Saleh (1978), sendo aplicadas as versões: autoperceção, perceção e preferências. Os dados obtidos em relação aos treinadores foram analisados com incidência nas variáveis: género e anos de experiência. Quanto aos atletas foram analisados o género, participação internacional e horas de treino semanal.

Os resultados mostram que, em relação à autoperceção dos treinadores, estes caracterizam-se, tendencialmente, com um perfil de reforço, treino instrução e eminentemente democrático. Quanto aos atletas com DID, estes percecionam e preferem os seus treinadores com um perfil de reforço e suporte social, tendencialmente democrático.

Palavras-chaves: desporto adaptado, dificuldade intelectual e desenvolvimental, perfil de liderança, escala de liderança no desporto, treino desportivo.

Abstract

In this study the main objective was to identify and explore the leadership styles of Adapted Sports coaches (ADT) through their self-perception, and the perception and preferences of athletes with Intellectual and Developmental Difficulties (DID).

In this study 125 subjects participated (N=125), of which 94 are athletes with DID practitioners at Special Olympics Portugal (SOP) and the remaining 31 are adapted sport coaches of athletes with DID (TDA-DID). Of the athletes, 29% (N=27) are female and 71% (N=67) male and in the coaches 32 % (N=10) are female and 68% (N=21) male.

The instrument used was the Chelladurai and Saleh Sports Leadership Scale (1978), being applied the versions: self-perception, perception and preferences. The data obtained in relation to the trainers were analyzed with incidence in the variables: gender and years of experience. As for the athletes, gender, international participation and weekly training hours were analyzed.

The results show that, in relation to coaches' self-perception, they tend to have a profile of reinforcement, training, instruction and eminently democratic. As for athletes with DID, they perceive and prefer their coaches with a profile of reinforcement and social support, tending to be democratic.

Keywords: adapted sport, intellectual and developmental difficulty, leadership profile, leadership scale in sport, sports training.

Índice Geral

Resumo.....	IX
Abstract.....	XI
Índice Geral.....	XIII
Índice de Figuras	XV
Índice de Quadros	XVII
Índice de Gráficos.....	XIX
Lista de abreviaturas	XXI
Introdução	1
PARTE I- Revisão de Literatura.....	3
1. Desporto Adaptado.....	3
2. Dificuldade Intelectual e Desenvolvimental	11
3. Liderança no Desporto	18
4. Estudos de Liderança no Desporto.....	25
Parte II – Organização e Planificação do estudo	31
1. Introdução.....	31
2. Problemática	31
2.1. Objetivo do Estudo.....	31
2.1.1. Objetivo Geral.....	31
2.1.2. Objetivo Específico	31
2.1. Hipóteses	32
2.2. Variáveis do Estudo	34
3. Metodologia.....	35
3.1. Introdução.....	35
3.2. Caracterização da amostra.....	35
3.3. Procedimento de recolha de dados	38
3.4. Instrumentos de investigação.....	39
3.4.1. Leadership Scale for Sport	39
3.5. Protocolo de tratamento de escalas	40
3.6. Procedimentos Estatísticos.....	40
Parte III – Apresentação e Discussão de Resultados	43

1.	Introdução	43
2.	Análise de Resultados.....	43
2.1.	Análise Descritiva.....	43
2.2.	Análise Inferencial.....	48
3.	Discussão dos resultados.....	63
4.	Conclusões	69
5.	Aplicação Prática.....	73
5.1.	Limitações	73
5.2.	Sugestões	73
6.	Referências Bibliográficas	75
7.	Anexos.....	83

Índice de Figuras

Figura 1- Associações Nacionais reconhecidas pela FPDD (FPDD, 2012).....	5
Figura 2- Modelo multidimensional de liderança no desporto (Adaptado de Chelladurai, 1990, 1993b; Fonte: Cruz & Gomes, 1996a).....	19

Índice de Quadros

Quadro 1- Dimensões da Escala de Liderança no Desporto (Adaptado de Chelladurai, 1984; Fonte: Cruz & Gomes, 1996a)	23
Quadro 2- Estatística descritiva e análise de fiabilidade das variáveis do treino instrução, suporte social, reforço, democrático e autocrático das versões autoperceção, perceção e preferências.....	44
Quadro 3- Médias e desvio padrão das variáveis do treino instrução, suporte social, reforço, democrático e autocrático das versões autoperceção, perceção e preferências em função do género.	45
Quadro 4- Médias e desvio padrão das variáveis do treino instrução, suporte social, reforço, democrático e autocrático das versões autoperceção em função dos anos de experiência.....	46
Quadro 5- Médias e desvio padrão das variáveis do treino instrução, suporte social, reforço, democrático e autocrático das versões perceção e preferências em função do volume de horas de treino semanais.....	47
Quadro 6- Médias e desvio padrão das variáveis do treino instrução, suporte social, reforço, democrático e autocrático das versões perceção e preferências em função da participação internacional.	48
Quadro 7 - Nível de significância das comparações para as variáveis da autoperceção de liderança dos treinadores de DA de atletas com DID participantes no SOP em função do género.....	49
Quadro 8- Nível de significância das comparações para as variáveis da autoperceção de liderança dos treinadores de DA de atletas com DID participantes no SOP em função dos anos de experiência.....	50
Quadro 9- Nível de significância das comparações para as variáveis da perceção de atletas com DID participantes no SOP, do estilo de liderança dos treinadores de DA, em função do género.....	50
Quadro 10- Nível de significância das comparações para as variáveis da perceção de atletas com DID participantes no SOP, do estilo de liderança dos treinadores de DA, em função do volume de horas de treino semanal.	51
Quadro 11- Nível de significância da perceção de atletas com DID participantes no SOP, do estilo de liderança dos treinadores de DA, em função do volume de horas de treino semanal.	52
Quadro 12- Nível de significância das comparações para as variáveis da perceção de atletas com DID participantes no SOP, do estilo de liderança dos treinadores de DA, em função da participação internacional.	52
Quadro 13- Nível de significância das comparações para as variáveis de preferências de atletas com DID participantes no SOP, do estilo de liderança dos treinadores de DA, em função do género.	54
Quadro 14- Nível de significância das comparações para as variáveis de preferências de atletas com DID participantes no SOP, do estilo de liderança dos treinadores de DA, em função do volume de horas de treino semanal.	55

Quadro 15- Nível de significância das comparações da percepção de atletas com DID participantes no SOP, do estilo de liderança dos treinadores de DA, em função do volume de horas de treino semanal.	55
Quadro 16- Nível de significância das comparações para as variáveis de preferências de atletas com DID participantes no SOP, do estilo de liderança dos treinadores de DA, em função da participação internacional.	56
Quadro 17- Coeficiente de Correlação de Spearman entre a Autopercepção e Percepção e Preferências.	58
Quadro 18- Nível de significância das comparações para as variáveis de autopercepção de liderança dos treinadores de DA e as respectivas dimensões da percepção dos atletas com DID participantes no SOP, quanto aos perfis de liderança. .	59
Quadro 19- Nível de significância das comparações para as variáveis de autopercepção de liderança dos treinadores de DA e as respectivas dimensões das preferências dos atletas com DID participantes no SOP, quanto aos perfis de liderança.	60
Quadro 20- Nível de significância das comparações para as variáveis de percepção de liderança dos treinadores de DA e as respectivas dimensões das preferências dos atletas com DID participantes no SOP, quanto aos perfis de liderança.	61

Índice de Gráficos

Gráfico 1- Frequências absolutas do género.....	36
Gráfico 2- Gráfico percentual dos anos de experiência dos treinadores.....	37
Gráfico 3- Gráfico percentual do volume de treino dos atletas.	37
Gráfico 4- Gráfico percentual da participação internacional dos atletas.....	38

Lista de abreviaturas

- AAIDD – American Association on Intellectual and Developmental Disabilities
- AAMD – American Association of mental Deficiency
- AAMR – American Association of Mental Retardation
- ACD-IDD – Adapted Sports coaches of athletes with Intellectual and Developmental Difficulties
- ADC – Adapted Sports Coaches
- ANDDEMOT – Associação Nacional de Desporto para Deficientes Motores
- ANDDI-Portugal – Associação Nacional de Desporto para a Deficiência Intelectual
- ANDDVIS – Associação Nacional de Desporto Para Deficientes Visuais
- CA- Competências Adaptativas
- CISS – International Committee of Sport for the Deaf
- CPE – Comité Paralímpico Europeu
- CPI – Comité Paralímpico Internacional
- CP-ISRA – Cerebral Palsy - International Sport and Recreation Association
- CPP – Comité Paralímpico de Portugal
- DA – Desporto Adaptado
- DID – Dificuldade Intelectual e Desenvolvimental
- DM – Deficiência Mental
- DSM-IV-TR – Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders 4^aed, Text Revision
- DSM-V – Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders 5^aed
- ESL – Escala de Liderança no Desporto
- FPDD – Federação Portuguesa de Desporto para Pessoas com Deficiência
- IBSA – International Blind Sports Association
- ICSD – International Committee for Sport for Deaf
- IDD – Intellectual and Developmental Difficulties
- INAS-FID – International Association Sport for Person with Intellectual Handicap
- ISMWSF – International Stoke Mandeville Wheelchair Sports Federation
- ISOD – International Sports Organization for the Disabled
- LPB- Liga Portuguesa de Basquetebol
- LPDS – Liga Portuguesa de Desporto para Surdos

LSS – Leadership Scale for Sports

PC-AND – Paralisia Cerebral – Associação Nacional de Desporto

Qdv – Qualidade de vida

QI – Quociente de Inteligência

SO – Special Olympics

SOP – Special Olympics Portugal

TDA – Treinador de Desporto Adaptado

TDA-DID – Treinador de Desporto Adaptado de Atletas com Dificuldade Intelectual e Desenvolvidamental

Introdução

O Desporto Adaptado carrega em si um potencial de inclusão social, contrariando as práticas de desvantagem, permitindo à população com deficiência ultrapassar barreiras limitativas ou impeditivas da sociedade e tem vindo a conquistar cada vez mais notoriedade e importância como um dos principais agentes de inclusão e socialização (Celestino & Pereira, 2015).

Saraiva, Almeida, Oliveira, Fernandes e Cruz-Santos (2013) consideram o desporto adaptado como sendo representante de um dos fatores mais importantes ligados à promoção do sucesso educativo, inclusão, desenvolvimento psicossocial, e por outro lado, o combate ao abandono escolar e discriminação das pessoas com deficiência.

De acordo com Murray (1991) e Dosil (2004) liderança é dos aspetos mais estudados no âmbito da Psicologia do Desporto. Por outro lado, Leitão (1999) refere que existe uma enorme falta dos estudos sobre liderança em diferentes modalidades, quer seja individual quer seja coletiva e em diferentes contextos desportivos.

As relações estabelecidas entre o treinador e o atleta são importantes para a obtenção de resultados desportivos (Serpa, 1990). Estas relações, que se refletem no comportamento e nos aspetos cognitivos e emocionais dos indivíduos (Serpa, 1990), são importantes para desenvolvimento de um bom clima organizacional, que determina o nível de satisfação das relações interpessoais (Alves, 2000).

A relação entre técnico e atleta é dinâmica, multifacetada e complicada (Shepherd, Lee, & Kerr, 2006). É uma relação fundamental para entender o desporto, tendo em conta as responsabilidades desempenhadas pelo treinador na preparação física, técnica, tática e até mesmo psicológica dos atletas (Dignani, 2007). Yang e Jowett (2012) afirmam que, para os atletas, um bom relacionamento com o treinador é fundamental e importante, pois este pode-lhes transmitir a segurança e confiança em fases mais difíceis (lesão, quebras de desempenho), orientação durante as transições e apoio durante crises emocionais (falhas em grandes competições).

Desta forma, os estudos existentes acerca da liderança focam-se, não só nas questões relacionadas com o papel do treinador, mas também com a influência das suas ações na equipa (Alba, Toigo & Barcellos, 2010). Assim sendo, torna-se importante

determinar o estilo de liderança do treinador e a necessidade de analisar a percepção e as preferências dos atletas sobre o mesmo estilo de liderança na tentativa de se encontrar um estilo de liderança “ideal” (Antón & Rodríguez, 2011).

Nesse sentido, o presente estudo incide sobre a autopercepção dos treinadores de desporto adaptado de atletas com Dificuldade Intelectual e Desenvolvimental, e a percepção e preferências dos atletas com Dificuldade Intelectual e Desenvolvimental participantes no Special Olympics Portugal. Torna-se pertinente partir do seguinte problema: *Será que a autopercepção do estilo de liderança por parte do treinador, é idêntica à percepção que os atletas têm do seu estilo de liderança e o quanto difere face às preferências dos atletas?*

O estudo encontra-se dividido em três partes. Uma primeira parte, correspondente à revisão da literatura onde começamos por abordar o desporto adaptado, o conceito de dificuldade intelectual e desenvolvimental, a liderança no desporto e por fim, realizamos uma abordagem conjunta de estudos sobre estilos de liderança no desporto de forma a, posteriormente, auxiliar na interpretação dos resultados desta investigação.

A segunda parte corresponde ao capítulo da organização e planificação do estudo onde começamos por apresentar a problemática do mesmo, objetivos e hipóteses de investigação, bem como a identificação das suas variáveis dependentes e independentes. No mesmo capítulo apresentamos ainda os processos metodológicos onde identificamos aspetos fundamentais, como a caracterização da amostra utilizada; os procedimentos para recolha de dados, bem como os instrumentos e procedimentos estatísticos utilizados.

Por último, apresentamos na terceira parte do estudo, os nossos resultados através da análise descritiva e inferencial dos dados, suplementadas com a discussão dos resultados e apresentação das principais conclusões do estudo. Apresentamos ainda as referências bibliográficas utilizadas nesta dissertação.

PARTE I- Revisão de Literatura

1. Desporto Adaptado

O desporto, como hoje o conhecemos, tem a sua origem na história da atividade física e do movimento humano. Nos primórdios da Humanidade (3000 a.C. até 500 a.C.), o processo de seleção natural baseava-se na força e na resistência física necessárias às atividades básicas de sobrevivência. Os indivíduos com algum tipo de deficiência eram alvo de rituais de purificação, exorcismo e até sacrifício, vivendo por vezes num contexto ambiental hostil (Guttmann, 1976). Apenas no século XX, devido ao elevado número de veteranos de guerra com deficiências adquiridas em combate nas grandes guerras mundiais, e a necessidade de os reabilitar, é que a prática desportiva passa a ser vista e aceite por parte das sociedades ocidentais como a melhor forma de intervenção, promovendo a reintegração destes indivíduos na sociedade (Castro, 1998; Bento, 1991).

Segundo Saraiva, Almeida, Oliveira, Fernandes e Santos (2013), este período foi desvanecendo na constituição de organizações internacionais dedicadas ao apoio e à organização de competições desportivas voltadas para pessoas com deficiência, contribuindo para o surgimento e consolidação do conceito de Desporto Adaptado.

Em Portugal, o desporto para pessoas com deficiência não se desenvolveu ao mesmo ritmo do panorama internacional, pelo que até meados da década de setenta a participação destas pessoas em atividades desportivas era muito rara (Carvalho, 1995). No entanto, assim como o desporto internacional teve a sua origem em contextos hospitalares direcionados para a reabilitação dos combatentes na II Guerra Mundial, em Portugal foi a Guerra Colonial que originou um grande número de pessoas com deficiência, que ocupavam os seus tempos livres no Centro de Medicina e Reabilitação de Alcoitão (Yazicioglu, Yavuz, Goktepe & Tan, 2012).

Vitorino, Monteiro, Moutão, Morgado, Bento e Cid (2015) afirmam que o movimento corporal enquanto componente reeducativa, terapêutica e de reabilitação foi alvo de grande desenvolvimento e implementação no século XX, o que implicou a proliferação de diferentes perspetivas e metodologias de trabalho, tendo em conta que as atividades de carácter lúdico, desportivo, cultural e social tinham e têm um papel de extrema importância no processo de reabilitação de pessoas com deficiência, como

modo de evitar o seu isolamento e possíveis atitudes antissociais. No ano de 1946, o Dr. Ludwing Guttman, neurocirurgião do Hospital de Stoke Mandeville, implementou pela primeira vez o Desporto em cadeira de rodas, tentando através deste restabelecer o bem-estar psicológico e uma ocupação dos tempos livres das pessoas com deficiência, até que se deu conta de que a prática desportiva influenciava positivamente o sistema neuromuscular e ajudava o atleta a reintegrar-se na sociedade, o que o levou a implementar mais tarde novas modalidades como o tiro com arco, atletismo e o halterofilismo em 1960.

O sucesso alcançado com o desporto como meio terapêutico e clínico levou à realização dos primeiros Jogos de Stoke Mandeville, em 1948 (Castro, 1998). A partir daí, o desporto para deficientes começa a ter um grande desenvolvimento, deixando de estar confinado apenas à sua componente médica e terapêutica, estendendo-se às múltiplas capacidades sociais dos indivíduos (Varela, 1991), levando mais tarde ao aparecimento do conceito de “Desporto para Todos” que permitiu que os benefícios obtidos pela prática desportiva se expandissem a um maior número de pessoas (Conselho da Europa, 1988).

Hoje, os Jogos Paralímpicos são o evento de elite para os atletas com deficiência e cresceram de forma bastante acentuada, desde 1960, por ocasião dos primeiros Jogos Paralímpicos em Roma, em que participaram 400 atletas representando 23 países, até ao Brasil em 2016 que contou com mais de 4.000 atletas de 176 países, em que 37 desses atletas eram portugueses (Comité Paralímpico de Portugal, 2016).

Desde os anos 70 que várias organizações desportivas a nível internacional têm manifestado interesse em desenvolver atividades para pessoas com deficiência, como por exemplo:

- International Stoke Mandeville Wheelchair Sports Federation (ISMWSF); os Jogos Olímpicos/Paralímpicos – 1960;
- International Sports Organization for the Disabled (ISOD) – 1960;
- Special Olympics International, hoje Special Olympics (SO) – 1968;
- Cerebral Palsy - International Sport and Recreation Association (CP-ISRA) – 1978;
- International Blind Sports Association (IBSA) – 1981;

- International Association Sport for Person With Intellectual Handicap (INAS-FID) – 1986;
- Comité Paralímpico Internacional (CPI)– 1989;
- International Committee of Sport for the Deaf (ICSD) – 1997;
- Comité Paralímpico Europeu (CPE)– 1997, entre outras (Carvalho (2017)).

Mas também em Portugal se começou a sentir a necessidade de regulamentar o desporto para pessoas com deficiência, começando a surgir as primeiras Federações Nacionais, as Associações a nível Regional e os primeiros clubes locais para pessoas com deficiência (Ferreira, 2017).

Em 1987, surge em Portugal a Special Olympics que consiste numa organização global que atende atletas com DID onde proporciona a formação desportiva durante todo o ano e competição atlética numa variedade de desportos olímpicos para crianças e adultos com deficiência intelectual, dando-lhes oportunidades contínuas de desenvolverem a forma física, demonstrarem coragem, experimentarem alegria e participarem na partilha de presentes, habilidades e amizade com as suas famílias, outros atletas olímpicos especiais e a comunidade (Special Olympics [SO], 2018).

Em Portugal, no ano de 1988 surge a Federação Portuguesa de Desporto para Pessoas com Deficiência (FPDD) que promove e desenvolve a prática de diversas modalidades desportivas, em conjunto com as Associações Nacionais suas filiadas. A FPDD só reconhece uma Associação Nacional por área de deficiência, sendo elas:

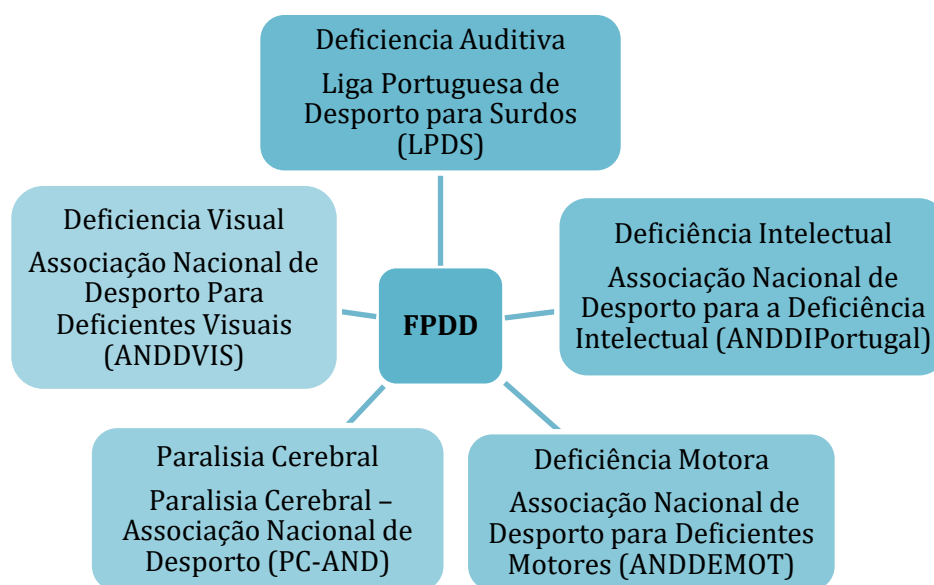


Figura 1- Associações Nacionais reconhecidas pela FPDD (FPDD, 2012)

Em 2008, o Comité Paralímpico de Portugal (CPP) surge como uma organização pertencente ao Movimento Paralímpico tutelado pelo Comité Paralímpico Internacional (CPI) e International Committee for Sport for Deaf (ICSD), que promove o desporto adaptado de competição e alto rendimento. Mas para além de ter como objetivo e âmbito de intervenção o Desporto de Alto Rendimento (de Excelência Desportiva); a Participação em Campeonatos da Europa e do Mundo; o Desporto Terapia, através dos Centros Hospitalares e de Reabilitação, bem como das Entidades Públicas e Privadas, promove ainda o Desporto para Todos / Lazer e Recreação; a atividade física e o desporto enquanto um “Direito Humano”; promove a “Qualidade de Vida”, a “Inclusão Social”, a “Ocupação de Tempos Livres”, o Desporto na Escola e o Desporto nos Estabelecimentos Públicos e Privados (CPP, 2011).

A partir do momento em que o acesso à prática desportiva se torna um direito de todos os cidadãos, independentemente da sua condição, permitiu que os indivíduos com deficiência beneficiassem dessa mesma prática, tornando-se um fenómeno social que foi sendo alvo das mais variadas atenções, observando-se inúmeras evoluções no domínio do Desporto para Todos (Castro, 1998). Silva (1991) com o intuito de esclarecer os principais fatores que contribuíram para toda a mudança sociocultural que envolve o indivíduo com deficiência e o desporto para ele perspectivado, indica aqueles que são considerados os estágios evolutivos do Desporto para Todos:

- **Desporto como terapia** – as primeiras experiências desportivas foram realizadas com o objetivo de estimular em termos anatomofisiológicos os pacientes com deficiência;

- **Valor psicológico do desporto** – o desporto permite ao indivíduo com deficiência demonstrar a si próprio e à sociedade que a sua condição não é sinónimo de invalidez (o valor psicológico juntamente com o fisiológico contribuem para o desenvolvimento da sua imagem);

- **Normalização** – o desporto contribui para a (re)integração do indivíduo com deficiência na comunidade;

- **Motivação para a prática desportiva** – é talvez o aspeto mais importante para a obtenção de boas performances (ao estar motivado para a prática desportiva o valor terapêutico, psicológico e o conceito de normalização estão implícitos) (Silva, 1991).

O Desporto Adaptado apesar de englobar um conjunto de práticas semelhantes à do desporto regular, apresenta práticas adaptadas e particulares que lhe são inerentes, assumindo uma identidade própria que é necessário reconhecer e respeitar. Winnick (1990) considera o Desporto Adaptado como sendo um conjunto de experiências desportivas adaptadas (exercícios, jogos, ritmos), concebidas para satisfazer as necessidades físicas e educativas dos indivíduos com deficiência. Também Potter (1987) definia o Desporto Adaptado como uma gama completa de atividades físicas adaptadas às capacidades e necessidades de cada indivíduo. No mesmo sentido, Rivas e Vaíllo (2012) referem que o Desporto Adaptado engloba todas as modalidades desportivas que se adaptam a um grupo de pessoas com algum tipo de incapacidade ou condição especial, consistindo num conjunto de experiências desportivas que foram modificadas ou essencialmente designadas para irem de encontro às necessidades únicas de cada indivíduo (Dias, 2007).

Blinde e McClung (1997) afirmam que o desporto adaptado surge como uma das formas para melhorar o modo como as pessoas com deficiência se percecionam e de forma a permitir que os “outros” vejam a deficiência sob uma perspetiva mais positiva e humana, melhorando a integração e satisfação nas relações sociais, tornando-as mais capazes de enfrentar os estereótipos negativos a que são sujeitas (Giacobbi, Stancil, Hardin & Bryant, 2008). Tal como Marques (1997) refere, o Desporto Adaptado transporta em si um potencial de inclusão social, contrariando as práticas de desvantagem, permitindo assim ultrapassar barreiras restritivas ou impeditivas da sociedade. Também Heil (2008) afirma que o desporto adaptado desempenha um papel importante na sociedade, dado que é vulgar associar-se a pessoa com deficiência à falta de produtividade e ao fracasso. No entanto quando estes atingem o sucesso, apesar de ser pouco percebido é-lhes atribuído com mérito, logo, o desporto adaptado é importante para continuar a combater este tipo de preconceito e estereótipo em torno das pessoas com deficiência.

Saraiva, Almeida, Oliveira, Fernandes e Cruz-Santos (2013) no seu estudo concluíram que as pessoas com deficiência que participam em atividades desportivas desenvolvem uma maior autoestima, têm opiniões mais positivas relativas ao seu corpo, apresentam elevadas taxas de desempenho escolar, desenvolvem competências como o saber trabalhar em equipa, definição de objetivos e procuram a perfeição em

tudo o que fazem. E para além dos benefícios de ordem fisiológica, psicológica e social, a prática desportiva permite ainda aos intervenientes desafiarem-se a si mesmos, promovendo a sua (re)integração na sociedade (Ferreira, 2005). Também Monteiro e Pereira (2013) afirmam que a prática desportiva por parte da população com deficiência permite a promoção da qualidade de vida das mesmas, tendo como finalidade a minimização dos problemas psicomotores que interferem no seu desenvolvimento pessoal, possibilitando ainda um sentimento de maior interesse e vontade para fazer cada vez mais e melhor.

Porém, Saraiva et al. (2013) verificaram que em Portugal a taxa de envolvimento de pessoas com deficiência em atividades desportivas é extremamente reduzida, de apenas 0.4%, o que demonstra não haver uma grande participação das pessoas com deficiência no desporto. Diversos autores (Audley, 2002; Rimmer, Riley, Wang, Rauworth & Jurkowski, 2004; Buffart, Westendorp, Berg-Emóns, Stam & Roebroek, 2009) acreditam que a essa baixa percentagem esteja inerente a fatores intrínsecos tais como: o cansaço; a falta de energia, o desconforto/constrangimento, a falta de apoio da família e amigos, o medo do desconhecido, a falta de informação; e a fatores extrínsecos tais como: as dificuldades de transporte; o acesso às instalações desportivas; a mobilidade e a adaptação das mesmas às suas necessidades. Outro aspeto referido como condicionador da prática desportiva por parte das pessoas com deficiência está relacionado com eventuais custos que têm de ser suportados pelos atletas, nomeadamente com a aquisição de equipamentos específicos, utilização das instalações desportivas e/ou a remuneração do próprio treinador (Rimmer et al., 2004; Bedell, Coster, Lijenquist, Kao, Teplicky et al., 2013; Jaarsma, Dijkstra, Blécourt, Geertzen & Dekker, 2014). Contudo, num estudo realizado por Saraiva e Cruz-Santos (2015) com 84 treinadores de desporto adaptado, a maioria dos treinadores inquiridos afirma que grande parte dos atletas e as suas respetivas famílias estão dispensados do pagamento de quaisquer encargos relativos à prática desportiva, afirmando também, que ainda que as condições de que dispõem para a prática desportiva sejam favoráveis, existem pessoas que não aderem, muitas vezes devido à falta de informação existente sobre a oferta desportiva na comunidade onde vivem (Rimmer et al., 2004; Buffart, Westendorp, Berg-Emons, Stam & Roebroek, 2009), devido à falta de informação sobre os seus benefícios para a sua saúde (Audley, 2002; Robertson, Bucks, Skinner, Allison & Dunlop, 2011), e às dificuldades de transporte dos interessados de e para os

locais de treino (Rimmer et al., 2004; Bragaru et al., 2013), podendo esta questão estar relacionada com o facto de os atletas morarem em zonas mais periféricas, de difícil acesso.

No Parecer do Comité das Regiões – Desporto, Deficiência e Lazer (2014) refere-se que para além das barreiras físicas, socioeconómicas e das dificuldades de comunicação, a prática desportiva por pessoas em condição de deficiência é afetada por barreiras culturais e por fatores psicológicos, incluindo as atitudes dos organizadores e dos responsáveis do desporto de massas em relação à deficiência. Essas atitudes resultam do desconhecimento e da falta de recursos para lidar com uma situação diferente, sendo importante levar a cabo campanhas de informação e formação que facilitem a aceitação de pessoas com deficiência na prática de desporto. A Lei número 5 do artigo 30º da Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência determina que:

De modo a permitir às pessoas com deficiência participar, em condições de igualdade com os demais, em atividades recreativas, desportivas e de lazer, os Estados Partes adotam as medidas apropriadas para:

- Incentivar e promover a participação, na máxima medida possível, das pessoas com deficiência nas atividades desportivas comuns a todos os níveis;
- Assegurar que as pessoas com deficiência tenham a oportunidade de organizar, desenvolver e participar em atividades desportivas e recreativas específicas para a deficiência e, para esse fim, incentivar a prestação, em condições de igualdade com as demais, de instrução, formação e recursos apropriados;
- Assegurar o acesso das pessoas com deficiência aos recintos desportivos, recreativos e turísticos;
- Assegurar que as crianças com deficiência têm, em condições de igualdade com as outras crianças, a participar em atividades lúdicas, recreativas, desportivas e de lazer, incluindo as atividades inseridas no sistema escolar;
- Assegurar o acesso das pessoas com deficiência aos serviços de pessoas envolvidas na organização de atividades recreativas, turísticas, desportivas e de lazer.

(Excertos da Convenção sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência, Artigo 30.º - Participação na vida cultural, recreação, lazer e desporto)

Na Carta Europeia do Desporto para Todos está referido que “todo o indivíduo tem direito à prática desportiva” e que a participação no desporto deveria ser estimulada, uma vez que este é um fator essencial de readaptação e integração do indivíduo com deficiência (Conselho da Europa, 1988, p.8). Também a Lei de Bases da Atividade Física e do Desporto (Lei nº 5/2007), uma lei bastante completa e de extrema importância no sistema desportivo, promulga um conjunto de direitos desportivos para cada cidadão, independentemente da sua condição ou característica:

Artigo 1.º (Objeto):

A presente lei define as bases das políticas de desenvolvimento da atividade física e do desporto.

Artigo 2.º (Princípios da universalidade e da igualdade):

1 - Todos têm direito à atividade física e desportiva, independentemente da sua ascendência, sexo, raça, etnia, língua, território de origem, religião, convicções políticas ou ideológicas, instrução, situação económica, condição social ou orientação sexual.

Artigo 29.º (Pessoas com deficiência):

A atividade física e a prática desportiva por parte das pessoas com deficiência é promovida e fomentada pelo Estado, Regiões Autónomas e autarquias locais com as ajudas técnicas adequadas, adaptada às respetivas especificidades, tendo em vista a plena integração e participação sociais, em igualdade de oportunidades com os demais cidadãos.

(Excertos da Lei nº 5/2007 da Lei de Bases da Atividade Física e do Desporto, de 16 de janeiro).

Contudo, apesar de todos os instrumentos desenvolvidos, as pessoas com deficiência continuam a deparar-se com barreiras na sua participação enquanto membros iguais da sociedade e com violações dos seus direitos fundamentais em todas as partes do mundo, sendo fundamental reconhecer e promover a sua autonomia e independência individual, incluindo a liberdade de fazerem as suas próprias escolhas (Espaço Lusófono, 2016).

2. Dificuldade Intelectual e Desenvolvimental

A terminologia associada à Dificuldade Intelectual e Desenvolvimental (DID) tem variado ao longo do tempo e entre culturas, decorrente da instabilidade do significado social atribuído à “deficiência” resultante da transformação sociocultural (Brown & Radford, 2009) em Portugal. Os termos utilizados ao longo do tempo, apesar de pertinentes à data da sua nomeação, foram evoluindo (com a ciência, linguagem e valores culturais) tornando-se estigmatizantes e desatualizados (Santos, 2019), e apenas no início do século XX, se enfatizam critérios objetivos, ocorrendo a introdução do duplo critério psicométrico e adaptativo.

Com base nas alterações na definição e compreensão da dificuldade, acompanhada pela mudança de paradigma pretendia-se a renomeação da então deficiência mental para uma terminologia mais consistente, científica e menos estigmatizante (Santos & Morato, 2012a), mas que ainda não encontrou consenso no nosso país (Santos, 2010, 2019). A mudança internacional pareceu ter sido consensual e “fácil” assumindo-se a nova designação de “*intellectual disability*” (Schalock et al., 2007) em detrimento da anterior “*mental retardation*”. Outros países, onde a língua inglesa não é a língua materna, optaram por “*discapacidad intelectual*”, como são o caso do Chile e Espanha (Ministério de Educação Chile, 2010; Verdugo, 2003) e “*disabilità intellettuale*” em Itália (Bertelli, 2013). O Brasil assumiu o intelectual, mas manteve o termo médico-clínico de deficiência (Sasaki, 2005). Em Portugal, é ainda visível a dispersão terminológica: deficiência mental (DM), deficiência intelectual, dificuldade intelectual e desenvolvimental (American Psychiatric Association [APA], 2013), incapacidade intelectual (Sanches Ferreira, Lopes-dos-Santos & Santos, 2012), entre outras.

Morato e Santos (2002) salientam ainda que, apesar da tentativa de clarificação deste conceito por parte das associações para o estudo da DM, assistiu-se ao aparecimento de três definições de DID. A primeira a destacar é da autoria de Grossman (1983), dirigente da American Association of Mental Deficiency (AAMD) de 1972 a 1992, e citado por Pacheco e Valência (1997): a DM apresenta-se como um funcionamento intelectual significativamente inferior à média, manifestado durante o período de desenvolvimento, associado a um défice no comportamento adaptativo. A segunda, da American Association of Mental Retardation (AAMR), associa a DM a limitações substanciais no funcionamento atual. É caracterizada por um

funcionamento intelectual significativamente abaixo da média associado a limitações relativas a duas ou mais das seguintes áreas do comportamento adaptativo: comunicação, autonomia, atividades domésticas, socialização, autonomia na comunidade, responsabilidade, saúde e segurança, habilidades académicas, lazer e trabalho. Esta deficiência manifesta-se antes dos 18 anos de idade (Morato, 2002)

Correia (2007) avançou com o termo discapacidade, para substituir o termo clínico e estigmatizante, do ponto de vista social, de deficiência, mas parece não ter sido reconhecido. Neste sentido, sugere-se o termo Dificuldade (Morato & Santos, 2012; Santos & Morato, 2012a), na mesma linha das dificuldades de aprendizagem (no original, "*learning disabilities*" – pelo que se questiona a não coerência nas traduções) que acarreta uma expectativa mais positiva, passível de aprendizagem, descentrando-se do foco exclusivo nos défices e no modelo psicométrico, e redirecionando-se para a possibilidade de progresso e evolução, destacando o papel que os apoios como mediadores, e o envolvimento detém (Santos & Morato, 2012f) para a qualidade de relação entre pessoa e contexto (Morato e Santos, 2012; Santos & Morato, 2012a). Desta forma, afastamo-nos da irrecuperabilidade e imutabilidade inerente à avaliação psicométrica, onde o sujeito parecia deter as culpas das suas limitações (Santos, 2019).

A ideia da especificidade do termo, permitindo a diferenciação dos outros diagnósticos, decorrente das evidências científicas e na tentativa de minimizar o estigma associado à deficiência, levou à proposta da nova designação no início do século XXI de Dificuldade Intelectual e Desenvolvimental (Morato & Santos, 2007; Santos & Morato, 2012a). Este novo nome, baseado nas assunções concetuais (Schalock et al., 2007) e práticas mais atuais (Morato & Santos, 2012), pretende uma maior especificação, uniformização e consistência de utilização nos diferentes campos de atuação e ramos profissionais, num ambiente de dignidade e capacitação, pressupondo o ajustamento de apoios para uma visão mais funcional e participada, sem a estigmatização de uma terminologia baseada nos défices (Morato & Santos, 2012; Santos & Morato, 2012a).

O termo intelectual, para substituir o anterior, mental, pareceu ser de fácil aceitação e mais objetivo dadas as críticas que vinham a ser feitas à avaliação sabendo-se, atualmente, que os instrumentos utilizados na avaliação psicométrica envolvem fatores intelectuais específicos (Morato & Santos, 2012). O facto de se associar o

desenvolvimental ou de desenvolvimento pressupõe a relação com o envolvimento e ao longo do período de desenvolvimento (Santos & Morato, 2012a). É neste paradigma relativista e desenvolvimentalista que a nova terminologia se insere, visando a mudança de atitudes, para não só uma maior adequação e diversidade de apoios, como também para a criação de oportunidades na comunidade, visando um desempenho funcional de maior qualidade na adaptação às exigências do contexto, que pressupõe, logo à partida, a mudança para uma sociedade inclusiva, respeitadora dos direitos de todos e onde todos podem, de diferentes formas, assumir o seu papel de cidadão, com base nas suas capacidades e talentos (Santos, 2019).

Para Morato e Santos (2007), nesta nova definição considera-se que o termo Dificuldade se torna mais adequado na prática, por ser menos estigmatizante e por daí decorrer uma expectativa mais positiva quando comparado com o termo deficiência (menos adequado e injusto). Igualmente o termo Intelectual é imprescindível, uma vez que a avaliação efetuada é verdadeiramente incidente nos fatores intelectuais, quando comparado ao mental. Por último, o termo Desenvolvimento contíguo a Dificuldades Intelectuais vem atribuir mais objetividade, pela sua abrangência e relação a fatores adaptativos (Santos, 2019).

A nova terminologia de DID assenta então numa visão socioecológica que dá ênfase ao aumento da construção social e do impacto que as atitudes, papéis e políticas sociais têm na vida das pessoas com DID e na multidimensionalidade do seu funcionamento, em plena interação com as exigências do envolvimento, não a reduzindo apenas ao seu diagnóstico. A ideia da compreensão da pessoa com DID à luz da sua diversidade de características (incluindo também as capacidades) contextualizadas no seu envolvimento e de acordo com o escalão etário, exige uma nova reflexão sobre quais os mediadores de uma relação de qualidade (Santos, 2019).

Atualmente, o DSM-V (APA, 2013) contempla as DID na categoria “Perturbações do Neurodesenvolvimento”, que, no fundo, incluirá os diagnósticos enumerados no DSM-IV-TR (APA, 2002), no capítulo das doenças que por norma são diagnosticadas pela primeira vez na primeira infância e na adolescência assim como no das perturbações da ansiedade (Correia, 2013). Segundo o mesmo manual, são três os critérios a ter em conta na avaliação das DID:

a) défice nas funções intelectuais tais como raciocínio, resolução de problemas, planeamento, pensamento abstrato, julgamento, aprendizagens académicas, e aprender com a experiência, confirmados através de uma avaliação clínica e individualizada, atestada por testes de inteligência padronizados;

b) défices no funcionamento adaptativo que resultem na incapacidade de cumprir as normas de desenvolvimento e socioculturais para a independência pessoal e responsabilidade social; sem apoio contínuo, estes défices limitarão a funcionalidade numa ou mais atividades da vida diária, tais como comunicação, participação social e vida independente, em vários ambientes, como casa, escola, trabalho e comunidade;

c) aparecimento de défices intelectuais e adaptativos durante o período de desenvolvimento. Acrescenta ainda que os vários níveis de gravidade são definidos tendo por base o funcionamento adaptativo e não os níveis de QI, uma vez que é o funcionamento adaptativo que determina o nível de apoios necessários. Isto implicará que ocorra uma reciprocidade entre os apoios e a funcionalidade humana.

Segundo a American Association on Intellectual and Developmental Disabilities (AAIDD) (2010), os apoios são recursos e estratégias que ajudam a promover o desenvolvimento, a educação, bem-estar pessoal, ou seja, visam melhorar o funcionamento do indivíduo. De acordo com Verdugo e Schalock (2010), a persistente renomeação da terminologia e conceção da DID é positiva, na medida em que reflete que diariamente se desenvolvem progressos na área, promovendo a melhoria das práticas de avaliação e a planificação de apoios.

Apesar da diversidade de nomenclatura, a definição atual de DID parece ter sido aceite, jogando com a avaliação dos critérios intelectuais e adaptativos, cujas limitações, dois desvios-padrão abaixo da média, se expressam nas competências concetuais, práticas e sociais antes dos 18 anos (Schalock et al., 2012), durante o período desenvolvimental (APA, 2013). A palavra-chave desta definição, e ao contrário do que se possa imediatamente apontar não são as limitações, mas a sua expressão contextual, com repercussões na (in)visibilidade da pessoa com DID (Santos, 2019). A nova concetualização redireciona o seu foco para a interação, que se pretende de qualidade, entre a pessoa e o seu contexto (Santos e Morato, 2012a, d) e que se traduz em limitações funcionais, destacando que a provisão de apoios adequados pode

reforçar a funcionalidade do indivíduo, e a sua QdV (Schalock et al., 2012; Thompson et al., 2009).

Santos (2019), explica ainda os 3 critérios formais de diagnóstico, para uma compreensão global, e a forma como se tem contribuído para a mudança:

O critério da idade de diagnóstico, tem também sido alvo de reflexão e críticas, dada a diversidade de sistemas organizacionais e dos valores socioeconómicos a nível mundial, debatendo-se neste momento quais os limites que devem ser considerados uma vez que as evidências apontam para a continuação do desenvolvimento (intelectual, social, entre outras) além dos 18 anos (Santos, 2019). Por motivos de acordos de confidencialidade, não se poderão especificar as mais recentes considerações, mas este é um dos temas que mais debate tem gerado.

A inteligência, apesar de ainda hoje a sua definição e compreensão não ser consensual, é responsável pela variação do desempenho cognitivo, e tem assumido, ao longo do tempo, o papel principal e exclusivo no diagnóstico de DID, apesar de críticas à avaliação não ecológica dos seus efeitos na vida diária, baseando-se apenas no valor do quociente de inteligência (QI= relação entre idade mental e cronológica, multiplicado por 100), cujos itens tem atuado com preditores do desempenho académico (Harris & Greenspan, 2016). Para os autores, a utilização da idade mental, e da sua imutabilidade, provocou o diagnóstico de muitos falsos positivos, sugerindo a interpretação no “z-score” que indica a distância a que a pessoa se encontra da média da amostra. Esta mudança decorre da ideia de que a confiança exclusiva numa medida (de QI) única parece ignorar algumas áreas relevantes das capacidades intelectuais e da multiplicidade de inteligências, constatando-se a necessidade de se avaliar a (relação da) pessoa no seu envolvimento (Chagas & Santos, 2018; Tassé et al., 2012), não se podendo inferir que duas pessoas com o mesmo valor de QI e diagnóstico de DID sejam “iguais” (Morato & Santos, 2012).

A homogeneização do perfil cognitivo pelo QI não é suficiente preditor das diferenças de aptidões e do desempenho intelectual das pessoas com DID (Morato & Santos, 2012), tendendo a desconsiderarem-se as diferenças qualitativas e contextuais entre pessoas com os mesmos valores de QI, dada a sua inutilidade prático-pedagógica (Nihira, 2012; Santos & Morato, 2012e). Face à diversidade e especificidade fenotípica e comportamental das pessoas com DID, Dias e Santos (2016) equacionaram a

utilização de medidas não-cognitivas para a avaliação psicométrica de crianças com DID, no sentido de reduzir o impacto das limitações na linguagem, tendencialmente apresentadas pelas pessoas com DID. As autoras constataram que as crianças com DID apresentam dificuldades em tarefas verbais e visuoespaciais, o que condiciona ainda mais o desempenho nos testes psicométricos tradicionais contrastando com a melhor prestação (se bem que inferior à média) em tarefas que envolvam habilidades visuais e não-verbais. Esta é uma prática que tem merecido alguma atenção estando a ser implementada em vários locais de prestação de apoios, nos setores públicos e privado (Santos, 2019).

Neste sentido, havia necessidade de complementar a avaliação da inteligência com as medidas adaptativas (Santos & Morato, 2012b, c), não se podendo reduzir a DID a um número (Schalock et al., 2012). O diagnóstico de DID, a nível nacional, e pela inexistência de instrumentos adaptativos validados, era feito ou com recurso apenas à avaliação da inteligência (QI), sendo que mais recentemente se começou a introduzir ou versões adaptativas “meramente” traduzidas (Santos, Morato & Luckasson, 2014), mas não contextualizadas, o que por si só, questiona a validade dos atuais diagnósticos e decisões adotadas (Santos, 2019). Um bom exemplo ocorreu nos EUA com a “quase” extinção do diagnóstico de “deficiência mental ligeira” depois da aplicação de instrumentos adaptativos (MacMillan, Siperstein & Gresham, 1996).

Dias e Santos (2016), relembram que algumas competências intelectuais parecem estar mais relacionadas com as competências adaptativas (CA) pelo que Santos (2019) reflete sobre a relação entre inteligência e CA, o seu papel no funcionamento humano e a sua influência no diagnóstico de DID (Tassé, Luckasson & Schalock, 2016).

A nível nacional, o estudo das limitações cognitivas e da avaliação psicométrica tem sido bastante aplicado ao longo do tempo, sendo que apenas a partir de 1999 (Santos, 1999) se começa a estudar de forma aprofundada o “outro” critério de diagnóstico – o Comportamento Adaptativo (CA), sendo este definido como o conjunto de habilidades aprendidas ou adquiridas para desempenhar com sucesso aspetos e tarefas, no âmbito da independência, responsabilidade pessoal e social, que procura a adaptação às expectativas socioculturais e etárias, e que implicam assumir o papel de membro ativo na comunidade onde o indivíduo se insere (Santos & Morato, 2012b)

Ao longo do tempo, é possível constatar a diversidade na terminologia utilizada (e.g.: maturidade social, competência social), bem como na conceptualização do constructo (Santos, 2019), que apenas recentemente tem assumido a interdependência e o mesmo peso no diagnóstico da DID (Tassé et al., 2012). A análise do perfil adaptativo acarreta a contextualização da pessoa com DID no seu envolvimento e no novo paradigma o CA edifica-se como um constructo-critério prático-concreto ao nível da independência, responsabilidade pessoal e social (Santos & Morato, 2016). O CA é um constructo multidimensional influenciado pelo contexto definido por Santos e Morato (2012b, p. 28) como “o conjunto de habilidades aprendidas ou adquiridas para desempenhar com sucesso aspetos e tarefas, no âmbito da independência, responsabilidade pessoal e social, que através de ajustamentos vários procura a adaptação às expectativas socioculturais e etárias vigentes, e que implicam o assumir do papel de membro ativo na comunidade onde o indivíduo se insere”. O CA, além de critério de diagnóstico de DID e de componente do funcionamento humano, desempenha um papel fundamental no desenvolvimento de programas para a funcionalidade e mesmo para a classificação ao nível de severidade que pela primeira vez (Santos, 2019) deixa cair a exclusividade das limitações intelectuais para se basear nas limitações adaptativas (APA, 2013; Santos, 2019). O impacto que uma decisão ao nível do diagnóstico pode deter na vida de qualquer pessoa exige a utilização de instrumentos validados e adaptados às culturas de cada país, pelo que Nihira (2012) refere a proliferação de escalas adaptativas a partir da década de 20, sendo que apenas em 1992 se identificam as 10 áreas adaptativas (Luckasson et al., 1992). Portugal constata a inexistência de uma medida desta natureza a nível nacional (Santos, 1999), cuja validação apenas viria mais tarde, confirmando-se a estrutura tripartida (Santos et al., 2014).

3. Liderança no Desporto

Considera-se a liderança como parte integrante do processo que medeia a relação treinador atleta, tendo vários autores dedicado ao estudo deste fenómeno apresentado diversas definições, tais como:

Barrow (1977) define, de forma extremamente consensual, a liderança como um processo comportamental tendo em vista influenciar indivíduos ou grupos no sentido de alcançarem os objetivos definidos. O carácter geral da afirmação torna-se útil, pois desta forma, é possível incluir um conjunto de dimensões que caracterizam o tema, como sejam, os processos de tomada de decisão, as técnicas e estratégias motivacionais, o tipo e a frequência de comportamentos de “feedback”, o relacionamento interpessoal, as políticas e estratégias de planeamento e orientação do grupo para atingir o rendimento desejado e, por fim, as regras e as normas que estabelecem o funcionamento e o relacionamento dentro da equipa (Horn, 1992).

Bass (2008) propôs uma definição alargada do conceito de liderança, sugerindo: a liderança é uma interação entre dois ou mais membros de um grupo que envolve frequentemente a estruturação ou reestruturação das perceções e expectativas dos membros. Os líderes são agentes de mudança, cujos atos um membro do grupo modifica as motivações ou competências de outro membro do grupo. A liderança pode ser concebida como direcionar a atenção dos outros membros para os objetivos e as vias para os atingir.

Yukl (2002) forneceu uma sinopse de diferentes definições de liderança onde resumiu que as características comuns das definições refletem o pressuposto de que se trata de um processo pelo qual se exerce influência intencional sobre outras pessoas para orientar, estruturar e facilitar atividades e relacionamentos em um grupo ou organizações. Refere ainda que há uma pequena concordância ou consistência entre as definições.

Chelladurai (1978, 1984a) elaborou uma proposta onde reuniu todo um conjunto de dados gerais do estudo da liderança num modelo adaptado ao desporto, privilegiando a abordagem do tema com o resultado da conjugação dos três aspetos (líder, membros e a situação), dando-se igual ênfase a todos eles (Gomes, 2005).

Em traços gerais, o modelo afirma que os níveis de rendimento das equipas e a satisfação dos atletas dependem da congruência entre três tipos de comportamentos do líder: os exigidos pelo contexto, os preferidos pelos atletas e os efetivamente assumidos no dia-a-dia de trabalho (Gomes, 2005).

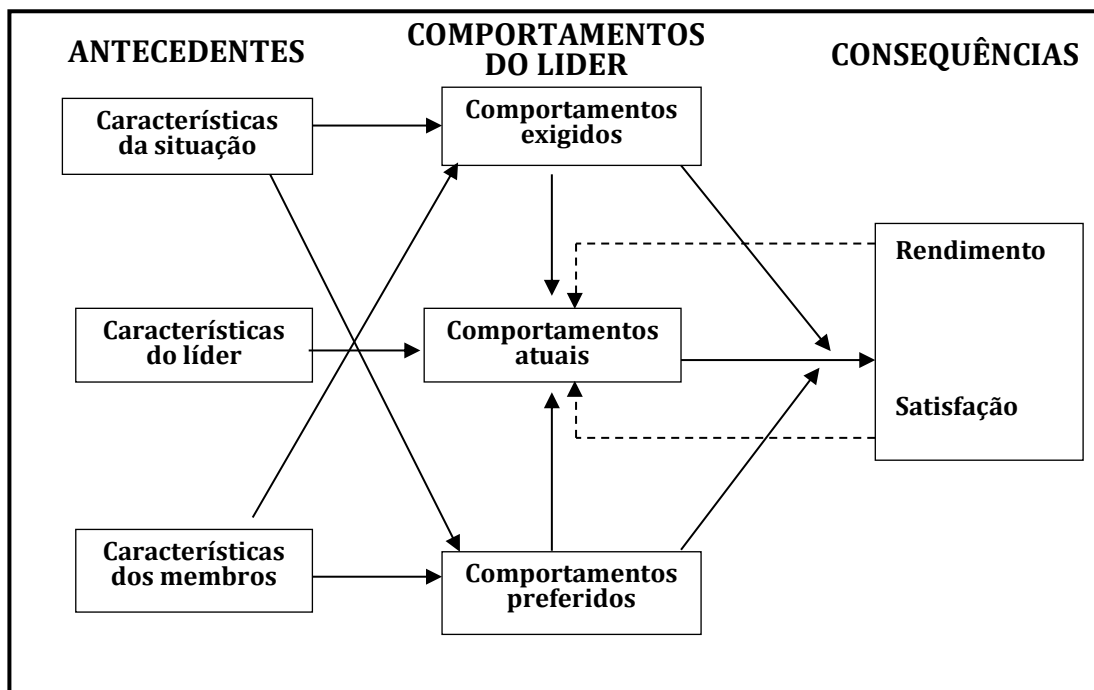


Figura 2- Modelo multidimensional de liderança no desporto (Adaptado de Chelladurai, 1990, 1993b; Fonte: Cruz & Gomes, 1996a)

Quanto às solicitações do contexto desportivo (comportamentos exigidos), o treinador deve começar por analisar as características da organização onde se encontra (características de situação) em termos dos valores e normas sociais valorizadas, das expectativas de rendimento formuladas pelos dirigentes e dos recursos e meios disponíveis que podem ser colocados à sua disposição (Gomes, 2005).

No que concerne às preferências assumidas pelos membros da equipa (comportamentos preferidos), ele deve observar o grupo de atletas que vão colaborar consigo (características dos membros), considerando variáveis como a idade e o género bem como o nível de competência que demonstram. Assim, questões relacionadas com as necessidades de afiliação, as orientações motivacionais face aos aspetos competitivos e os níveis de maturidade e desenvolvimento cognitivo, constituem bons exemplos de áreas onde devem ser recolhidas informações, pois poderão ajudar os responsáveis técnicos a ajustarem-se no sentido de ir ao encontro das expectativas existentes (Gomes, 2005).

Estas duas áreas antecedentes do modelo, acabam por esclarecer o técnico sobre os constrangimentos contextuais que poderão dificultar a sua missão e quais os aspetos que parecem ser preferidos, tanto pelas figuras chave da organização desportiva como pelos atletas que tem ao dispor. Aliás, este último ponto resulta de uma transformação efetuada no modelo de 1978 para o apresentado em 1990, pois no início defendia-se que as características dos membros da equipa apenas influenciavam os comportamentos atuais do treinador, através da análise que ele fazia acerca das questões preferidas pelos praticantes (ligação das características dos membros aos comportamentos preferidos), mas na versão mais recente também se admite que ele possa sentir-se obrigado a fazer modificações no seu comportamento quando se confronta com uma equipa que, por exemplo, tem dificuldades em alcançar os níveis de rendimento que tinha antecipado, passando assim a estabelecer-se uma relação entre as características dos atletas e os comportamentos exigidos. Esta alteração avançada por Chelladurai, acaba por estar de acordo com os modelos de Hersey e Blanchard (1977) e de House (1971) que tinham realçado o facto de os comportamentos assumidos pelo líder dependerem do grau de maturidade e de desenvolvimento dos colaboradores (Gomes, 2005).

Quanto aos comportamentos atuais do treinador, estes dependem da conjugação entre aquilo que são as suas características pessoais, em termos de personalidade, de capacidade e de experiência (Características do líder) e aquilo que lhe é exigido e preferido pela situação e pelos membros da equipa. Assim, ele será tanto mais eficaz, em termos de performance e de satisfação promovida nos outros, quanto mais for capaz de obter uma congruência entre os comportamentos atuais, exigidos e preferidos. A última relação preconizada pelo modelo diz respeito ao “feedback” que o técnico recolhe da satisfação e performance da equipa (Rendimento e Satisfação) que poderá acabar por influenciar os seus comportamentos atuais (Gomes, 2005).

Após a formulação do modelo, assistiu-se a uma grande vontade em procurar testar os pressupostos avançados e em analisar a sua adaptação a diferentes situações desportivas (Gomes, 2005).

Para Horn (1992), foram três as razões que contribuíram para este entusiasmo. Em primeiro lugar, Chelladurai demonstrou ter uma preocupação inovadora e, ainda pouco frequente nos nossos dias, de desenvolver uma proposta que pudesse ser

aplicada especificamente ao desporto, acabando assim por suscitar um grande interesse por parte dos investigadores neste domínio. Em segundo lugar, os pressupostos avançados deram origem a bastantes estudos que foram progressivamente testando as várias dimensões do modelo, acabando assim por realçar a relevância da liderança na compreensão do rendimento desportivo dos atletas e da adaptação que estes manifestam face aos clubes e às organizações desportivas. Por último, as ideias propostas representam uma excelente base de compreensão e explicação acerca do funcionamento dos treinadores no desporto, trabalhando com variáveis que geralmente são consideradas fundamentais por todos os intervenientes no fenómeno desportivo. De facto, ao contrário de outras conceptualizações neste domínio, que foram formulados tendo por base princípios gerais que depois eram aplicados indiscriminadamente a todos os sujeitos, Chelladurai (1993b) afirma que a eficácia da liderança é específica a cada situação desportiva. Ou seja, é claramente assumido que o sucesso obtido pelo treinador varia em função do tipo de atletas que fazem parte da equipa bem como das particularidades e características do meio onde se encontra.

Neste campo de ação e porque considerava que as teorias existentes não explicavam totalmente o fenómeno de liderança, surge em 1984 pela mão de Chelladurai, já com alguns estudos publicados, o Modelo Multidimensional de Liderança no Desporto.

De acordo com este modelo o treinador assume a função de líder de uma organização e os atletas apresentam-se como os membros integrantes dessa organização.

Com vista à validação do modelo, Chelladurai e Saleh (1978, 1980) desenvolveram a “Escala de Liderança no Desporto” (“Leadership Scale for Sports” – LSS) que avalia cinco dimensões dos comportamentos do treinador: treino instrução, democrático, autocrático, apoio social e recompensador (“feedback positivo”). A LSS é constituída por 40 itens, sendo as respostas avaliadas numa escala tipo “Likert” de cinco pontos, existindo três versões: uma destinada ao treinador, no sentido de aferir os seus próprios comportamentos de liderança e as outras duas são dirigidas aos atletas, com vista à avaliação dos comportamentos preferidos e atuais dos treinadores.

Neste modelo o comportamento do líder é explicado através de três fatores, os antecedentes, os comportamentos e as consequências.

Os fatores que determinam a situação de liderança designam-se por antecedentes e podem apresentar três origens distintas:

- a) características da situação onde se enquadram fatores como a dimensão do grupo, objetivos, nível e tipo de organização ou tarefa a desempenhar;
- b) características do próprio líder, tais como a personalidade, idade, sexo, experiência ou capacidade intelectual;
- c) características dos liderados que tal como a anterior abrange fatores como a personalidade, sexo, idade, experiência ou capacidade intelectual.

Outro fator deste modelo, os comportamentos, que influenciam o comportamento real do treinador quer através dos comportamentos prescritos por este, quer pelos comportamentos preferidos dos liderados.

O fator resultante das atitudes comportamentais é a consequência que se traduz na satisfação e performance dos atletas que influem diretamente no comportamento efetivo do treinador.

De acordo com Alves (2000), a ideia que sobressai deste modelo é que quanto maior for a congruência entre o que é pedido ao treinador (quer pela situação, quer pelos seus atletas) e as suas próprias características, maior será a probabilidade de ser criado um clima favorável à concretização dos objetivos e à satisfação dos membros do grupo.

Com base neste modelo Chelladurai & Saleh (1978) construíram um questionário (Leadership Scale for Sport) que permite identificar cinco comportamentos tipo do treinador/líder.

Quadro 1- Dimensões da Escala de Liderança no Desporto (Adaptado de Chelladurai, 1984; Fonte: Cruz & Gomes, 1996a)

Dimensão	Descrição
Treino Instrução	Comportamento do treinador destinado a melhorar da performance dos atletas através da ênfase dos treinos muito duros e cansativos, instruindo os atletas nas práticas, técnicas e táticas da modalidade, desanuvindo o relacionamento entre os elementos da equipa, estruturando e coordenando as atividades desses mesmos elementos.
Suporte Social	Comportamento do treinador caracterizado pela preocupação com o bem-estar individual dos atletas, que procura um bom ambiente de grupo e tenta um bom relacionamento pessoal com os atletas.
Reforço	Comportamento do treinador que reforça um atleta, reconhecendo e recompensando um bom rendimento.
Democrático	Comportamento do treinador que permite uma maior participação dos atletas nas decisões relacionadas com os objetivos do grupo, métodos de treino e táticas e estratégias de competição.
Autocrático	Comportamento do treinador que preconiza a independência nas tomadas de decisão e vinca a sua autoridade pessoal.

O princípio fundamental do modelo é a congruência entre os três estados e as consequências, ou seja, a satisfação e o desempenho. Isto teoriza que os líderes terão de gerir e negociar com sucesso as exigências colocadas pelas situações e as preferências dos membros. O modelo proporciona dois ciclos de *feedback* diferentes, desde a satisfação e o desempenho até ao comportamento real. É provável que o líder modifique o comportamento com base na obtenção relativa das variáveis de consequência (Vaughan, 2017).

Desenvolveram ainda três versões da LSS. Uma destas versões revela-nos a percepção do treinador do seu próprio comportamento (versão auto percepção). A segunda versão refere-se à percepção que os atletas têm do comportamento do treinador (versão percepção) e, por último, a preferência dos atletas pelo comportamento do treinador (versão preferências). Assim, é possível avaliar: - a auto percepção do comportamento do treinador e as preferências dos atletas; - a auto percepção do comportamento do treinador e as percepções que dele têm os atletas; - a percepção pelos atletas do comportamento do treinador e as preferências daqueles em relação a este.

As três versões do LSS são idênticas em termos de estrutura e redação de itens. Contudo, o cenário da resposta do participante é aferido a partir de um contexto diferente. Por exemplo, na versão "preferência dos atletas", pede-se a um atleta que expresse como gostaria que um treinador se comportasse em relação a eles. Na versão "percepção dos atletas", o atleta avalia a forma como o seu treinador se comporta efetivamente. Finalmente, na terceira versão, "percepção dos treinadores", os treinadores fornecem uma autoavaliação sobre a frequência com que se comportam de determinadas formas em relação aos seus jogadores (Wałach-Biśta, 2013).

Heil (2018), verificou que ao usar o Modelo Multidimensional de Liderança precisam de se alinhar três aspetos do comportamento de um líder para que haja um aumento da satisfação e do desempenho dos mesmos. Estes aspetos incluem o comportamento requerido, o comportamento preferido e o comportamento real. A partir desta ideia, foi desenvolvida a Leadership Scale for Sport que dividiu os estilos de liderança de um treinador em cinco categorias. Estas incluem: comportamento democrático, apoio social, formação de feedback positivo e instrução e comportamento autocrático. É evidente que os atletas ao nível dos jovens, bem como os níveis colegial e profissional preferem quatro destes estilos de liderança. Estes quatro são: os estilos de comportamento democrático, apoio social, feedback positivo e formação e instrução. Há também múltiplas formas de os treinadores poderem implementar estes estilos com os seus atletas. Este pode incluir a definição de objetivos, a utilização da Internet para aumentar os conhecimentos e o uso de feedback para aprender novas competências. Compreender quais são os estilos preferidos e implementá-los pode levar a um aumento do desempenho dos mesmos, da coesão da equipa e da motivação.

4. Estudos de Liderança no Desporto

Num estudo realizado por Lopes, Samulski e Noce (2004) em que os objetivos consistiam em analisar o perfil do treinador ideal sob a ótica dos atletas da seleção brasileira juvenil de voleibol e comparar esse perfil em relação ao gênero do atleta. Para traçar o perfil do treinador de voleibol de preferência dos atletas, foi aplicada a Escala de Liderança no Desporto (ELD) desenvolvida e baseada no modelo de Chelladurai e Saleh (1978). A amostra foi composta de 30 atletas, sendo 12 do gênero masculino e 18 do gênero feminino. Os investigadores realizaram um levantamento estatístico dos fatores de maior e menor preferência de comportamento do treinador sendo que os que apresentaram maior preferência foram: “procure que os atletas obtenham o máximo rendimento” ($3,80 \pm 0,41$) e “preste atenção particular à correção dos erros dos atletas” ($3,69 \pm 0,54$). Foi aplicado um teste de comparação de médias (U-Mann Whitney) entre os gêneros, para todas as situações e para as cinco dimensões avaliadas pelo instrumento (democrática, autocrática, reforço, treino instrução e suporte social). Os investigadores não detetaram diferença estatística significativa ($p < 0,05$) na comparação das dimensões entre os gêneros. No entanto, em todas as análises, o comportamento do treinador avaliado pelos atletas como sendo o mais desejado foi o de treino instrução e o de menor preferência foi o autocrático.

Rafferty e Wyon (2006), elaboraram um estudo de forma a dar resposta à escassez de dados reais sobre o comportamento da liderança no ensino de técnicas de dança. O objetivo deste estudo passa por definir fatores que podem influenciar a relação professor-aluno de dança e promover um processo de aprendizagem eficaz no ensino de técnicas de dança. De forma a desenvolver este estudo utilizaram uma amostra composta por 14 professores de dança, sendo 4 do gênero masculino e 10 do gênero feminino, e 53 dos seus alunos, sendo 9 do gênero masculino e 44 do gênero feminino. Para desenvolver e analisar este estudo utilizaram o Questionário Escala de Liderança para o Desporto (ELD), o qual foi aplicada nas três versões – Autopercepção, Percepção e Preferências. As notas de discrepância foram calculadas para comparar as diferenças de percepção dos professores e dos alunos, bem como as diferenças entre as percepções e preferências dos alunos. Foram encontradas diferenças significativas ($p < .05$) entre as três versões no Treino Instrução, Comportamento Democrático, Comportamento Autocrático e Feedback Positivo, mas não em Apoio Social ($p > .05$). Não se verificaram

efeitos significativos para o género ($p > .05$) ou estilo de dança ($p > .05$) em qualquer dimensão, e os efeitos de interação também não demonstraram diferenças significativas ($p > .05$). Os coeficientes de fiabilidade (alfa do Cronbach) neste estudo não foram consistentes com os reportados noutros estudos desportivos que utilizaram o LSS, e a adequação do LSS como instrumento de observação do comportamento de ensino na dança foi questionada.

Uma investigação realizada por Sonoo, Hoshino e Vieira (2008) onde o objetivo consistia em analisar o estilo de liderança de técnicos de desporto das categorias de juvenil e adulta. Fizeram parte do estudo 238 sujeitos. Como instrumento de medida, utilizaram a Escala de Liderança no Desporto (ELD). Os resultados indicaram que na autoperceção dos técnicos e na perceção dos atletas, consideram o estilo de liderança direcionado para o treino instrução e o reforço. Na categoria de juvenil verificaram uma maior evidencia da dimensão de reforço. Para o género feminino, o suporte social foi mais significativo, enquanto para o género masculino, foi mais relevante o comportamento autocrático. Assim, concluiu-se que o estilo de liderança, tanto na perceção dos atletas como na autoperceção dos técnicos, foi semelhante. No entanto, tendo em conta as preferências dos atletas em relação aos técnicos, estes evidenciaram uma maior preferência por técnicos que se preocupam com os atletas, que fornecem mais *feedback* positivo e que têm um estilo mais democrático do que autocrático.

Simim e Noce (2012), elaboraram um estudo onde o objetivo consistia em identificar o perfil de liderança percecionado pelos praticantes de capoeira. De forma a desenvolver este estudo utilizaram uma amostra composta por 52 praticantes de capoeira, sendo 30 do género masculino e 22 do género feminino. Como instrumento de pesquisa utilizaram um questionário de dados demográficos e a Escala de Liderança no Desporto na versão de Perceção. De uma maneira geral, os praticantes de capoeira percebem um estilo de decisão mais Democrático e de interação mais relacionado para a dimensão Treino Instrução e Reforço. Ao se comparar as dimensões dos comportamentos de liderança entre si, observou-se diferenças estatisticamente significativas entre a dimensão Treino Instrução \times Suporte Social ($p = .000$), Suporte Social \times Reforço ($p = .000$) e Democrático \times Autocrático ($p = .000$). Os autores concluíram que os praticantes percecionam os seus treinadores com um estilo de liderança predominantemente democrático e de treino instrução (isto é, preocupados

com a aprendizagem e desempenho dos alunos) e reforço (incentivo e estímulo por ações bem desempenhadas e metas realizadas).

Um estudo realizado por Paquete, Dias, Corte-Real e Fonseca (2014) com o objetivo de analisar as percepções de atletas de boccia e basquetebol em cadeira de rodas relativamente aos estilos de liderança e eficácia de um treinador de sucesso e do melhor treinador com quem tinham trabalhado. Os dados foram analisados em função da modalidade, do tipo de deficiência e do nível competitivo. Participaram nesta investigação 81 atletas do género masculino. Como instrumento de investigação utilizaram as versões portuguesas da Leadership Scale for Sport e da Coaching Efficacy Scale. Os resultados mostraram que, de uma forma geral, os atletas de boccia caracterizavam o treinador de sucesso com valores mais elevados nos diferentes domínios de liderança e de eficácia do treino do que o melhor treinador com quem já tinham trabalhado. No basquetebol em cadeira de rodas parecia existir uma maior convergência das percepções relativas ao treinador de sucesso e ao melhor treinador. O tipo de deficiência, e, embora menos, o nível competitivo, também pareciam estar relacionados com as percepções que os atletas tinham dos estilos de liderança e da eficácia dos treinadores.

Nogić (2014), realizou um estudo em que o objetivo recaiu sobre a vontade (e necessidade) de identificar e explorar os estilos de liderança dos treinadores de basquetebol em Portugal. Em paralelo os autores pretenderam comparar a autoperceção do estilo de liderança dos treinadores de basquetebol da Liga Profissional com a percepção e o estilo de liderança preferido dos atletas. Por fim foi importante analisar o nível de satisfação dos atletas. Participaram na investigação 129 treinadores, sendo 117 do género masculino e 12 do género feminino, e 114 atletas, do género masculino, da Liga Profissional de Basquetebol em Portugal (LPB). Para desenvolver o estudo os autores utilizaram o questionário da Escala de Liderança no Desporto nas versões de autoperceção, percepção, preferência. Os resultados encontrados evidenciaram que os treinadores autopercecionam que os seus estilos de liderança são direcionados na dimensão de reforço e treino instrução. Por outro lado, mesmo sendo o comportamento autocrático menos preferido pelos atletas da LPB, os treinadores ficam mais autocráticos consoante o aumento da sua experiência ou subindo de escalões. Por fim, quanto ao nível da satisfação, os resultados demonstraram

que, só o comportamento autocrático do treinador não está em correlação com nível de satisfação dos atletas, enquanto a percepção dos atletas sobre treino instrução, suporte social, reforço e comportamento democrático do treinador influencia significativamente o nível de satisfação dos atletas.

Dell'Antonio e Barroso (2014), analisaram o perfil de liderança dos treinadores de voleibol feminino sub19 do estado de Santa Catarina, comparando a autopercepção de liderança dos treinadores com o perfil percebido pelas respectivas atletas, e comparando tais percepções com o desempenho das equipes. A amostra do estudo é constituída por 6 equipas, 70 atletas do género feminino, e 6 treinadores, sendo 5 do género masculino e 1 do género feminino. O instrumento utilizado para o desenvolvimento do estudo consistiu na Escala de Liderança no Desporto – Autopercepção e Percepção. Os resultados evidenciam que o estilo de liderança percebidos pelas atletas são mais direcionados para o treino instrução e reforço. A autopercepção dos treinadores não vai ao encontro da percepção das atletas no estilo de liderança. Em relação ao desempenho, destacam-se as equipas em que as atletas entendem os treinadores com comportamentos democráticos. Esse caso poderia ser explicado pelo fato de as atletas admirarem seu líder ou, ainda, por perceberem as escolhas sem abertura à opinião como algo natural na liderança de seu treinador. Verificou-se ainda que entre as equipas que ficaram nas duas primeiras colocações não apresentaram diferenças estatisticamente significativas nas dimensões avaliadas.

Aleksic-Veljkovic, Djurovic, Dimic, Mujanovic e Zivcic-Markovic (2016) realizaram um estudo com o objetivo de verificar se existiam diferenças entre a percepção dos atletas universitários sobre os comportamentos dos treinadores no desporto individual e no desporto coletivo, na Universidade Niš, Niš, na Sérvia e Montenegro. Neste estudo participaram 100 atletas, onde 50 praticam desporto individual e outros 50 praticam desportos coletivos. Foram aplicados três questionários aos atletas: Questionário Demográfico, Escala de Liderança para o Desporto na versão Percepção e o Questionário de Comportamento de Treinador Negativo. Os resultados deste estudo revelaram diferenças significativas entre a percepção dos atletas sobre os comportamentos de treinador nos desportos individuais e de equipa. Neste estudo, os atletas individuais atribuíram classificações mais elevadas ao treino instrução, apoio social e feedback positivo do comportamento do líder por parte dos seus treinadores.

Estes resultados sugerem que o comportamento do treinador orientado para a melhoria do desempenho dos atletas foi avaliado com maior precisão pelos atletas de desportos individuais.

Parte II - Organização e Planificação do estudo

1. Introdução

Neste capítulo apresentamos o problema e objetivos do estudo, formulamos as hipóteses no qual iremos dar resposta e identificamos as variáveis em análise do estudo.

2. Problemática

Perante estes pressupostos o problema da nossa investigação centra-se na necessidade de conhecer: *Será que a autoperceção do estilo de liderança por parte do treinador, é idêntica à perceção que os atletas têm do seu estilo de liderança e o quanto difere face às preferências dos atletas?*

2.1. Objetivo do Estudo

2.1.1. Objetivo Geral

Os principais objetivos do estudo são:

- I. Analisar a autoperceção do perfil de liderança de treinadores do desporto adaptado do Special Olympics Portugal.
- II. Analisar o perfil de liderança de treinadores de desporto adaptado com base na perceção e preferências dos atletas com Dificuldade Intelectual e Desenvolvimento, participantes no Special Olympics Portugal.

2.1.2. Objetivo Específico

Tendo em conta os objetivos gerais do estudo, foram definidos os seguintes objetivos específicos:

- I. Avaliar a autoperceção de liderança dos treinadores de Desporto Adaptado de atletas com Dificuldade Intelectual e Desenvolvimento, participantes no Special Olympics Portugal.
- II. Comparar a autoperceção de liderança dos treinadores de Desporto Adaptado de atletas com Dificuldade Intelectual e Desenvolvimento, participantes no Special Olympics Portugal em função do género e anos de experiência.

- III. Avaliar o perfil de liderança dos treinadores de Desporto Adaptado com base na perceção e preferências de atletas com Dificuldade Intelectual e Desenvolvimental, participantes no Special Olympics Portugal.
- IV. Comparar perfis de perceção e de preferência do estilo de liderança em função do género dos atletas, volume de horas de treino semanal e participação internacional.
- V. Correlacionar os níveis de autoperceção de liderança dos treinadores de Desporto Adaptado, com a perceção e preferências de atletas com Dificuldade Intelectual e Desenvolvimental, participantes no Special Olympics Portugal.
- VI. Comparar os perfis de autoperceção de liderança dos treinadores de Desporto Adaptado com as perceções e preferências dos atletas com Dificuldade Intelectual e Desenvolvimental, participantes no Special Olympics Portugal, quanto aos perfis de liderança.
- VII. Comparar as perceções e preferências dos atletas com Dificuldade Intelectual e Desenvolvimental, participantes no Special Olympics Portugal, quanto ao perfil de liderança.

2.1. Hipóteses

Desta forma, tomando em consideração os contributos teóricos e empíricos revistos anteriormente, podemos equacionar as seguintes hipóteses relativas ao estudo:

Hipótese 1: Não existem diferenças significativas na autoperceção de liderança dos treinadores de Desporto Adaptado de atletas com Dificuldade Intelectual e Desenvolvimental, participantes no Special Olympics Portugal, em função do género.

Hipótese 2: Existem diferenças significativas na autoperceção de liderança dos treinadores de Desporto Adaptado de atletas com Dificuldade Intelectual e Desenvolvimental, participantes no Special Olympics Portugal, em função dos anos de experiência.

Hipótese 3: Não existem diferenças em função do género, no perfil de perceção de atletas com Dificuldade Intelectual e Desenvolvimental, participantes no Special Olympics Portugal, do estilo de liderança dos treinadores de Desporto Adaptado.

Hipótese 4: Existem diferenças em função do volume de horas de treino semanal, no perfil de percepção de atletas com Dificuldade Intelectual e Desenvolvimento, participantes no Special Olympics Portugal, do estilo de liderança dos treinadores de Desporto Adaptado.

Hipótese 5: Existem diferenças em função da participação internacional, no perfil de percepção de atletas com Dificuldade Intelectual e Desenvolvimento, participantes no Special Olympics Portugal, do estilo de liderança dos treinadores de Desporto Adaptado.

Hipótese 6: Existem diferenças em função do género, no perfil de preferências de atletas com Dificuldade Intelectual e Desenvolvimento, participantes no Special Olympics Portugal, do estilo de liderança dos treinadores de Desporto Adaptado.

Hipótese 7: Existem diferenças em função do volume de horas de treino semanal, no perfil de preferências de atletas com Dificuldade Intelectual e Desenvolvimento, participantes no Special Olympics Portugal, do estilo de liderança dos treinadores de Desporto Adaptado.

Hipótese 8: Existem diferenças em função da participação internacional, no perfil de preferências de atletas com Dificuldade Intelectual e Desenvolvimento, participantes no Special Olympics Portugal, do estilo de liderança dos treinadores de Desporto Adaptado.

Hipótese 9: As dimensões de auto percepção de liderança dos treinadores de Desporto Adaptado, correlacionam-se positivamente com as respetivas dimensões de percepção e preferências de atletas com Dificuldade Intelectual e Desenvolvimento, participantes no Special Olympics Portugal.

Hipótese 10: Existem diferenças entre as dimensões da auto percepção de liderança dos treinadores de Desporto Adaptado e as respetivas dimensões da percepção dos atletas com Dificuldade Intelectual e Desenvolvimento, participantes no Special Olympics Portugal, quanto aos perfis de liderança.

Hipótese 11: Existem diferenças entre as dimensões da auto percepção de liderança dos treinadores de Desporto Adaptado e as respetivas dimensões das preferências dos atletas com Dificuldade Intelectual e Desenvolvimento, participantes no Special Olympics Portugal, quanto aos perfis de liderança.

Hipótese 12: Existem diferenças significativas entre as dimensões da percepção e as respetivas dimensões das preferências dos atletas com Dificuldade Intelectual e Desenvolvimental, participantes no Special Olympics Portugal, quanto ao perfil de liderança.

2.2. Variáveis do Estudo

As variáveis de estudo dão-nos a oportunidade de aprofundarmos a abordagem de determinados assuntos, levando-nos a atingir resultados de acordo com os objetivos pretendidos. Petrica (2003), considera a variável independente um fator que manipulamos ou alteramos para causar efeitos em outra variável; é o fator mensurável, manipulado ou selecionado pelo investigador para determinar a sua relação para com um fenómeno observado. Por outro lado, Tuckman (2000) considera a variável dependente um fator que é analisado e medido para determinar o efeito da variável independente, ou seja, é o fator que aparece, desaparece ou varia consoante o investigador introduz, remove ou faz variar a variável independente. É considerada dependente sendo que o seu valor depende do valor da variável independente e representa o efeito pressuposto da mesma (Tuckman, 2000).

Posto isto, apresentamos as seguintes variáveis:

➤ Variáveis Independentes

- Género: variável categórica quanto ao dimorfismo sexual, masculino e feminino.
- Anos de experiência do treinador: variável categórica quanto às vivências do treinador, entre 2 a 3 anos, entre 4 a 5 anos, entre 6 a 7 anos, entre 8 a 9 anos, mais de 11 anos e sem experiência.
- Participação internacional: variável categórica quanto à participação internacional ou sem participação internacional dos atletas.
- Volume de horas de treino: variável categórica quanto às horas de treino semanal dos atletas, até 2 horas, de 3 a 5 horas, de 6 a 8 horas, 9 horas ou mais.

➤ Variáveis Dependentes

- Autoperceção: variável categórica quanto ao Comportamento Treino Instrução, Comportamento Suporte Social, Comportamento Reforço, Comportamento Democrático e Comportamento Autocrático.
- Perceção: variável categórica quanto ao Comportamento Treino Instrução, Comportamento Suporte Social, Comportamento Reforço, Comportamento Democrático e Comportamento Autocrático.
- Preferências: variável categórica quanto ao Comportamento Treino Instrução, Comportamento Suporte Social, Comportamento Reforço, Comportamento Democrático e Comportamento Autocrático.

3. Metodologia

3.1. Introdução

De acordo com Herman (1983), a metodologia é considerada um conjunto de diretrizes que orientam a investigação científica, ou seja, é a ordem que se deve impor aos diferentes processos necessários para se atingir determinado fim (Cervo, Bervian & Silva, 2007).

De forma a verificar se alcançamos os objetivos pretendidos da investigação, aplicamos instrumentos de investigação para a obtenção de valores quantitativos, assim sendo este estudo é de carácter exploratório transversal, quantitativo e descritivo.

A partir de diretrizes de investigação, começamos por caracterizar e descrever a nossa amostra, seguidamente apresentamos os instrumentos de avaliação que utilizámos para recolher os dados para as variáveis que investigamos, neste caso um questionário, aplicado nas três versões, compostos por respostas fechadas.

3.2. Caracterização da amostra

Neste ponto iremos caracterizar a nossa amostra, parte de uma população que foi selecionada a partir de alguns critérios por nós estabelecidos (Prodanov & Freitas, 2013). Como critérios de inclusão, os participantes tinham de ser atletas com DID participantes no SOP e os seus treinadores.

Participaram neste estudo 125 sujeitos (N=125), sendo que 94 são atletas praticantes no SOP e os restantes 31 são treinadores. Dos atletas, 29% (N=27) são do

género feminino e 71% (N=67) do género masculino e nos treinadores 32 % (N=10) são do género feminino e 68% (N=21) do género masculino. No gráfico 1, apresentado a seguir, estão representados o número de atletas de e treinadores por género, onde podemos verificar que o número de atletas e treinadores do género feminino é mais reduzido quando comparado com os atletas e treinadores do género masculino.

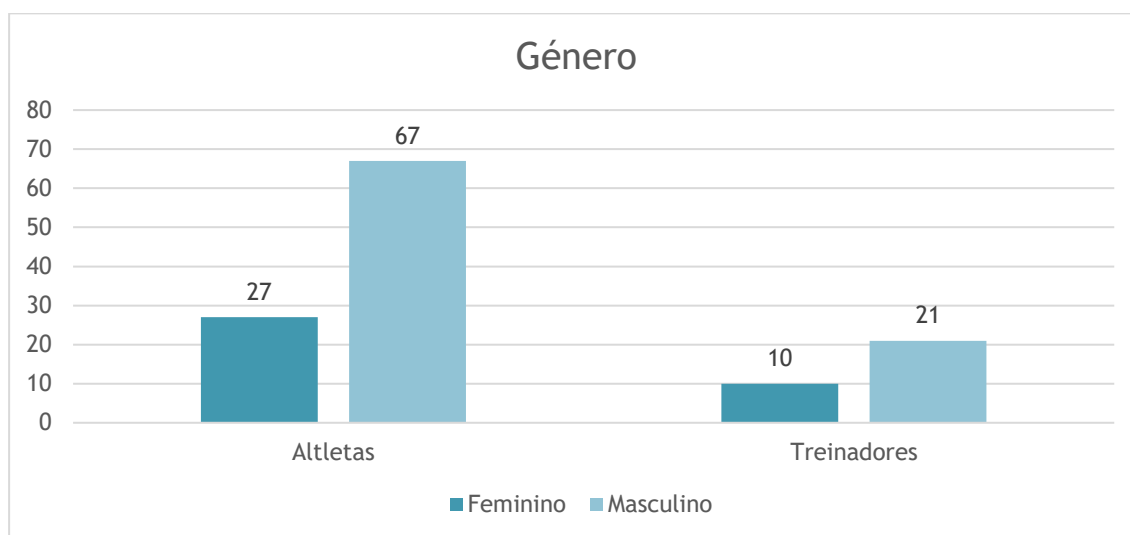


Gráfico 1- Frequências absolutas do género.

Relativamente aos anos de experiência dos treinadores (gráfico 2) da nossa amostra, podemos verificar que 35.48% dos treinadores não tem experiência e que 22.58% dos treinadores tem de 4 a 5 anos de experiência. Verificamos ainda que 12.90% dos treinadores tem 8 a 9 anos de experiência, 12.90% tem mais de 11 anos de experiência, 9,68% apresentam experiência de 2 a 3 anos e 6,46% dos treinadores tem 6 a 7 anos de experiência.

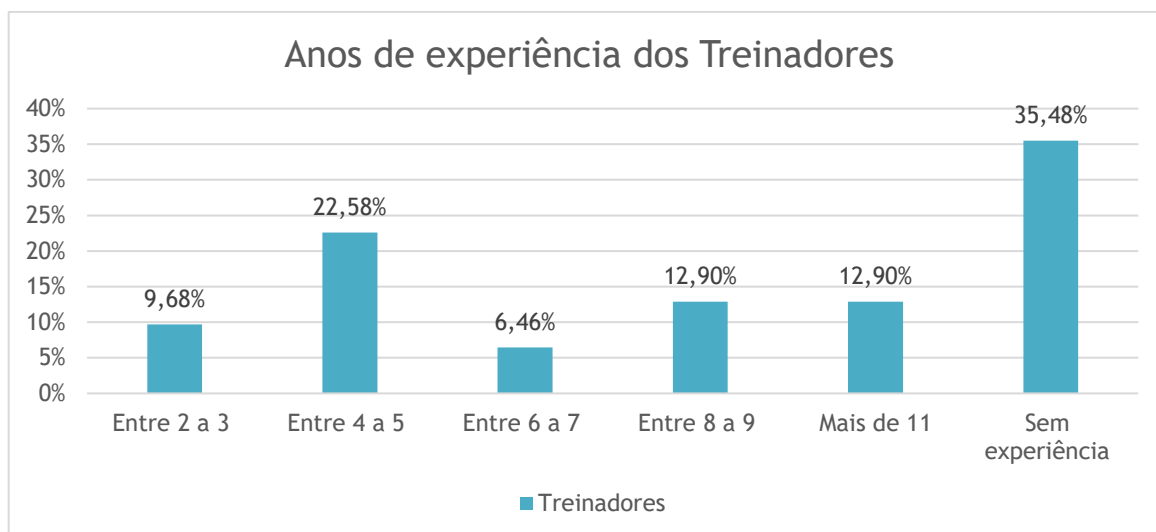


Gráfico 2- Gráfico percentual dos anos de experiência dos treinadores.

Relativamente ao volume de treinos semanais (gráfico 3), na nossa amostra podemos verificar que existe uma maior carga de treino nos atletas que treinam entre 3h a 5h (39.6%). Verificamos ainda que 36.17% dos atletas treinam até 2h semanalmente, seguindo-se que 19.15% dos atletas treinam entre 6h a 8h e que apenas 5.32% dos atletas treinam 9h ou mais por semana.

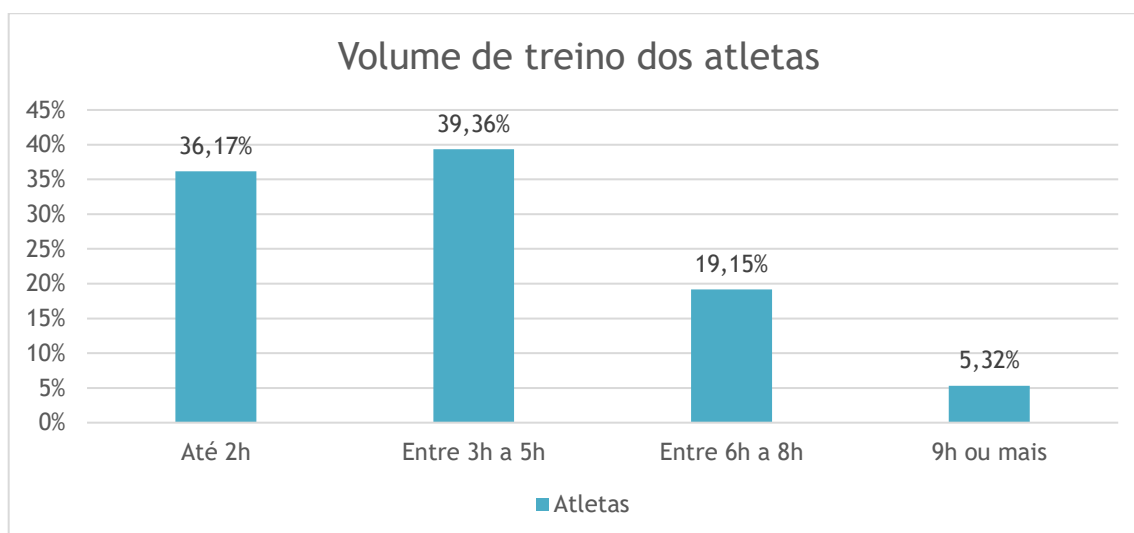


Gráfico 3- Gráfico percentual do volume de treino dos atletas.

No que diz respeito à participação internacional, podemos verificar que a maioria dos atletas (77.66%) não possuem participação internacional. Observamos também que 22.34% dos atletas apresentam participação internacional.

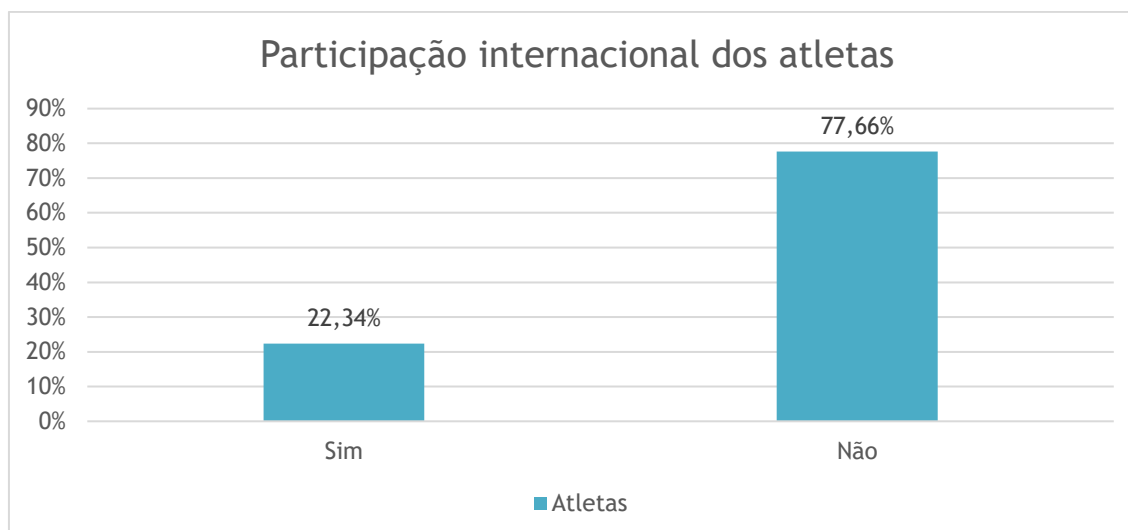


Gráfico 4- Gráfico percentual da participação internacional dos atletas.

A amostra é do tipo não probabilística, por conveniência, tendo em conta que selecionámos apenas atletas que demonstraram disponibilidade e que estavam ao nosso alcance, assim como reuniam os critérios de inclusão (Franchi, 2012). De acordo com Alves (2006), este tipo de amostra pode ser utilizada com êxito em situações nas quais seja mais importante captar ideias gerais, identificar aspetos críticos do que propriamente a objetividade científica.

3.3. Procedimento de recolha de dados

Após aprovação do estudo pelo Conselho Técnico Científico e Comissão Científica do Mestrado em Atividade Física da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, começámos por contactar as instituições e atletas de desporto adaptado e os seus treinadores de forma a identificar os atletas com DID e participantes no SOP e os seus treinadores. Foi realizado desde logo, através de ofício formal, autorização institucional para a recolha dos dados e assinatura do termo de consentimento informado por parte de todos os participantes no estudo (anexo D). Quer as associações, clubes e instituições, quer os atletas e os treinadores foram devidamente informados acerca dos objetivos e pertinência do estudo, garantindo-lhes desde logo o anonimato e confidencialidade das respostas.

Após selecionado o questionário adequado para ser aplicado e de definidas as adaptações, simulamos uma aplicação do questionário, com o objetivo de perceberem os conteúdos e as formas de adaptação para sua aplicação, tendo em conta o público alvo.

Os questionários foram aplicados no decorrer de uma prova do SOP, nos 6^{os} Jogos Adaptados da Cova da Beira – 6^{os} Jogos de Inverno do SOP. Durante a aplicação do questionário aos atletas com DID, realizamos a leitura das afirmações do mesmo e os atletas responderam ao pretendido através de uma escala pictográfica (anexo A, B e C) que foi elaborada de acordo com a pontuação dos respetivos instrumentos. De forma a assegurar a compreensão das afirmações por parte dos atletas com DID optou-se por esta adaptação da metodologia de aplicação.

Relativamente à aplicação dos questionários dos treinadores utilizamos várias formas para chegar ao nosso publico alvo, de forma conseguirmos os dados sempre de acordo com a forma mais favorável para os mesmos. Assim sendo, elaboramos questionário em formato on-line e em formato papel.

3.4. Instrumentos de investigação

A(s) “ferramentas(s)” que utilizamos na investigação devem ser consideradas de grande importância, pois é a partir delas que iremos conseguir os dados que nos possibilitam investigar sobre a problemática em questão (Oliveira, Oliveira, Morais, Silva, & Silva, 2016). Nesta investigação utilizámos questionários como instrumento para medidas quantitativas, o que implica que as respostas dadas pelos participantes correspondem a índices numéricos correspondentes às variáveis de escala em análise, que resultam num conjunto de valores.

Tendo em conta os aspetos acima referidos e as características dos diversos instrumentos de recolha de dados, seleccionámos para este efeito, com o objetivo de analisarmos todas as variáveis, a Leadership Scale for Sport.

3.4.1. Leadership Scale for Sport

Para a recolha de dados, com o objetivo de se analisar todas as variáveis, serão utilizados como instrumento de medida o questionário de Escala de Liderança no Desporto (ELD).

Leadership Scale for Sport: desenvolvida por Chelladurai e Saleh (1978) e validada em português por Serpa, Lacoste, Antunes, Pataco e Santos (1988) sob o nome de Escala de Liderança no Desporto (ELD). É uma escala que avalia a perceção do treinador sobre o seu próprio comportamento (versão autoperceção), perceção que os atletas têm acerca dos comportamentos de liderança dos respetivos treinadores

(versão percepção), bem como a preferência dos atletas pelo comportamento do treinador (versão preferências). Analisa ainda os comportamentos em cinco dimensões diferentes: comportamento treino instrução, comportamento de suporte social, comportamento de reforço, comportamento democrático e comportamento autocrático. A ELD é apresentada na forma de 40 questões para cada versão e em cada uma das questões, o atleta ou treinador, poderia escolher uma entre as cinco respostas possíveis, dadas em uma escala do tipo Likert; (1=Nunca; 2=Raramente; 3=Ocasionalmente; 4=Freqüentemente; 5=Sempre). No entanto, tendo em conta a população em que este instrumento será aplicado optamos por utilizar uma escala pictográfica de forma que a resposta por parte do inquirido seja mais clara e perceptível.

3.5. Protocolo de tratamento de escalas

Batista (2011) refere que um instrumento que forneça medidas separadas em diferentes domínios proporcionará uma imagem mais rica e diversificada do que um instrumento que permita obter apenas uma medida única. Deste modo, o questionário utilizado ao longo desta investigação foi composto por cinco escalas que avaliam 5 domínios diferentes, sendo cada domínio subdividido em diferentes dimensões, originando um total de 40 itens, distribuídos por cada uma das dimensões.

Atendendo à motivação para a prática desportiva, cada uma das suas dimensões é composta por quatro itens distribuídos de forma alternada, seguindo sempre a mesma ordem, vejamos:

Comportamento Treino Instrução: item 1, 5, 8, 11, 14, 17, 20, 23, 26, 29, 32, 35, 38 (13 itens);

Comportamento Suporte Social: item 3, 7, 13, 19, 22, 25, 31, 36 (8 itens);

Comportamento Reforço: item 4, 10, 16, 28, 37 (5 itens);

Comportamento Democrático: 2, 9, 15, 18, 21, 24, 30, 33, 39 (9 itens);

Comportamento Autocrático: 6, 12, 27, 34, 40, (5 itens).

3.6. Procedimentos Estatísticos

O tratamento estatístico dos dados foi realizado com recurso ao programa informático Statistical Package for a Social Sciences (SPSS versão 21.0). Após a seriação dos dados recorreremos aos valores dos Alfas de Cronbach de cada dimensão do

questionário de forma a determinarmos a consistência interna de cada dimensão em análise. Seguidamente, analisamos as variáveis categóricas através da estatística descritiva que nos permitiu chegar a valores percentuais relativos e absolutos, mínimos e máximos, média e desvio-padrão. Huot (2002) afirma que a estatística descritiva trata-se do conjunto de técnicas e regras que resumem a informação recolhida sobre uma amostra/população, sem que haja a distorção ou perda de informação. Após avaliada a consistência interna dos questionários, procedeu-se à verificação da normalidade da amostra através do Kolmogorov-Smirnov Test, sendo utilizadas as provas não paramétricas U de Mann-Whitney e Kruskal-Wallis. Para a análise da correlação linear, recorreremos ao teste não paramétrico de Spearman, tendo em conta que é uma medida de correlação não-paramétrica e não requer que a relação entre as variáveis seja linear nem quantitativas.

Na análise estatística considerou-se os seguintes níveis de significância estatística $\alpha \leq 0.01^{**}$ e $\alpha \leq 0.05^{*}$, para um intervalo de confiança de pelo menos 95%.

Parte III - Apresentação e Discussão de Resultados

1. Introdução

Neste capítulo apresentaremos todos os dados recolhidos durante a investigação, recorrendo à análise da estatística descritiva e inferencial das variáveis em estudo tendo em conta a média, desvio padrão e valores mínimos e máximos, referentes à totalidade da amostra.

2. Análise de Resultados

2.1. Análise Descritiva

No Quadro 2 podemos verificar uma caracterização geral dos resultados, relativamente às variáveis avaliadas, onde são apresentados os valores mínimos, máximos, médios, desvio padrão, valores de Alfa de Cronbach de cada categoria e ainda os respetivos valores do teste de normalidade Kolmogorov Smirnov.

Ao analisarmos os resultados do teste Kolmogorov Smirnov podemos constatar que as variáveis assumiram uma distribuição não normal.

Podemos ainda verificar, que os Alfas de Cronbach do questionário e de todas as dimensões da presente investigação apresentam valores superiores a 0.6 (Hair, Anderson, Tatham & Black, 1998), com exceção da variável autocrático.

Na versão autoperceção, a variável democrática obteve o maior índice de fiabilidade, apresentando um valor de alfa de 0.82, seguindo-se o treino instrução com 0.77, o suporte social com 0.76, o reforço com 0.73 e por fim o autocrático 0.55.

Na versão perceção, a variável treino instrução alcançou o maior índice de fiabilidade, apresentando um valor de alfa de 0.82, seguindo-se do suporte social com 0.74, o democrático com 0.72, o reforço com 0.69 e por fim o autocrático com 0.50.

Na versão preferências, a variável treino instrução obteve o maior índice de fiabilidade, apresentando um valor de alfa de 0.77, seguindo-se do democrático com 0.69, o suporte social com 0.67, o reforço com 0.62 e por fim o autocrático com 0.36.

Quadro 2- Estatística descritiva e análise de fiabilidade das variáveis do treino instrução, suporte social, reforço, democrático e autocrático das versões autoperceção, perceção e preferências.

	Variáveis	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão	Alfas de Cronbach	Kolmogorov Smirnov
Autoperceção	Treino instrução	3.25	5.00	4.189	0.460	0.77	0.000*
	Suporte Social	2.25	4.00	3.194	0.631	0.76	0.000*
	Reforço	3.80	5.00	4.523	0.339	0.73	0.000*
	Democrático	2.00	4.50	3.960	0.581	0.82	0.000*
	Autocrático	1.00	3.00	1.777	0.844	0.55	0.000*
Perceção	Treino instrução	2.75	5.00	4.603	0.597	0.82	0.000*
	Suporte Social	1.00	5.00	4.731	0.623	0.74	0.000*
	Reforço	3.00	5.00	4.801	0.394	0.69	0.000*
	Democrático	1.00	5.00	4.061	0.945	0.72	0.004*
	Autocrático	1.00	5.00	2.133	1.279	0.50	0.000*
Preferências	Treino instrução	1.00	5.00	4.644	0.558	0.77	0.000*
	Suporte Social	2.33	5.00	4.809	0.490	0.67	0.000*
	Reforço	2.33	5.00	4.876	0.437	0.62	0.000*
	Democrático	1.00	5.00	4.279	0.847	0.69	0.001*
	Autocrático	1.00	4.75	1.909	0.839	0.36	0.005*

* $p \leq 0.05$ Não respeita o suposto de normalidade

Ao analisarmos o Quadro 3, onde são apresentados os valores médios e desvio padrão das variáveis de treino instrução, de suporte social, de reforço, de comportamento democrático e de comportamento autocrático das versões da autoperceção, perceção e preferências em função do género, podemos verificar que relativamente à autoperceção, o género feminino apresenta valores médios mais elevados no reforço ($\bar{x}=4.62 \pm \sigma= 0.36$) bem como o género masculino ($\bar{x}= 4.44 \pm \sigma= 0.37$).

Relativamente à perceção, os valores médios mais elevados no género masculino ($\bar{x}=4.84 \pm \sigma= 0.37$) e no género feminino ($\bar{x}=4.70 \pm \sigma=0.44$) verificam-se na variável reforço.

Quanto às preferências, é possível verificar que tanto o género masculino ($\bar{x}=4.92 \pm \sigma=0.30$) como o género feminino ($\bar{x}=4.77 \pm \sigma=0.67$) apresentam valores médios mais elevados na variável reforço.

Quadro 3- Médias e desvio padrão das variáveis do treino instrução, suporte social, reforço, democrático e autocrático das versões auto percepção, percepção e preferências em função do género.

	Variáveis	Género	
		Masculino	Feminino
Auto percepção	Treino instrução	4.20 ± 0.46	4.30 ± 0.50
	Suporte Social	3.00 ± 0.43	3.15 ± 0.58
	Reforço	4.44 ± 0.37	4.62 ± 0.36
	Democrático	3.70 ± 0.67	3.90 ± 0.56
	Autocrático	1.80 ± 0.86	1.80 ± 0.79
Percepção	Treino instrução	4.65 ± 0.55	4.50 ± 0.70
	Suporte Social	4.79 ± 0.47	4.58 ± 0.89
	Reforço	4.84 ± 0.37	4.70 ± 0.44
	Democrático	4.01 ± 0.98	4.18 ± 0.86
	Autocrático	2.10 ± 1.21	2.22 ± 1.45
Preferências	Treino instrução	4.68 ± 0.43	4.56 ± 0.80
	Suporte Social	4.86 ± 0.43	4.69 ± 0.60
	Reforço	4.92 ± 0.30	4.77 ± 0.67
	Democrático	4.33 ± 0.75	4.15 ± 1.06
	Autocrático	1.79 ± 0.79	2.20 ± 0.89

Ao analisar o Quadro 4, os valores médios e desvio padrão das variáveis de treino instrução, de suporte social, de reforço, de comportamento democrático e de comportamento autocrático da versão auto percepção em função dos anos de experiência, podemos constatar que os valores médios mais elevados verificam-se nos treinadores com 6 a 7 anos de experiência na dimensão do reforço ($\bar{x}=4.90 \pm \sigma=0.14$). No entanto, a variável reforço foi a que registou os valores médios mais elevados em todas as dimensões da variável de anos de experiência.

Quadro 4- Médias e desvio padrão das variáveis do treino instrução, suporte social, reforço, democrático e autocrático das versões autoperceção em função dos anos de experiência.

Variáveis	Anos de experiência					
	Entre 2 a 3	Entre 4 a 5	Entre 6 a 7	Entre 8 a 9	Mais de 11	Sem experiência
Treino instrução	4.25 ± 0.25	4.42 ± 0.51	4.63 ± 0.18	4.19 ± 0.43	4.13 ± 0.43	4.05 ± 0.51
Suporte Social	3.41 ± 0.52	3.00 ± 0.46	3.00 ± 0.00	3.19 ± 0.13	3.19 ± 0.43	2.90 ± 0.59
Reforço	4.60 ± 0.20	4.57 ± 0.41	4.90 ± 0.14	4.30 ± 0.35	4.45 ± 0.55	4.38 ± 0.37
Democrático	4.08 ± 0.14	3.75 ± 0.58	4.38 ± 0.18	3.56 ± 1.21	3.69 ± 0.77	3.68 ± 0.44
Autocrático	2.67 ± 1.53	1.71 ± 0.91	2.00 ± 1.41	1.63 ± 0.48	1.88 ± 0.85	1.72 ± 0.64

No Quadro 5, foi possível analisar as variáveis dependentes em função do número de horas de treino semanais, na versão percepção e preferências.

Na versão percepção, podemos verificar que os atletas que treinam até 2h semanais ($\bar{x}=4.71 \pm \sigma=0.41$) e os atletas que treinam entre 3 a 5 horas semanais ($\bar{x}=4.87 \pm \sigma=0.34$) apresentam valores médios superiores na variável reforço. Os atletas que treinam entre 6 a 8 horas semanais ($\bar{x}=4.98 \pm \sigma=0.79$) e os atletas que treinam mais de 9 horas por semana ($\bar{x}=4.87 \pm \sigma=0.30$) registam valores médios mais elevados na variável suporte social.

Relativamente à versão das preferências verifica-se que os atletas que treinam até 2 horas semanais ($\bar{x}=4.76 \pm \sigma=0.66$) e os atletas que treinam entre 3 a 5 horas semanais ($\bar{x}=4.95 \pm \sigma=0.23$) apresentam valores médios mais elevados na variável reforço. Os atletas que treinam entre 6 a 8 horas semanais ($\bar{x}=5.00 \pm \sigma=0.00$) registam valores médios mais elevados na variável suporte social. Os atletas que treinam mais de 9 horas por semana registam valores médios mais elevados na variável treino instrução ($\bar{x}=4.80 \pm \sigma=0.45$), suporte social ($\bar{x}=4.80 \pm \sigma=0.45$) e reforço ($\bar{x}=4.80 \pm \sigma=0.30$).

Relativamente à versão das preferências verifica-se que os atletas que treinam até 2 horas semanais ($\bar{x}=4.76 \pm \sigma=0.66$) e os atletas que treinam entre 3 a 5 horas semanais ($\bar{x}=4.95 \pm \sigma=0.23$) apresentam valores médios mais elevados na variável reforço. Os atletas que treinam entre 6 a 8 horas semanais ($\bar{x}=5.00 \pm \sigma=0.00$) registam valores médios mais elevados na variável suporte social. Os atletas que treinam mais de 9 horas por semana registam valores médios mais elevados na variável treino instrução ($\bar{x}=4.80 \pm \sigma=0.45$), suporte social ($\bar{x}=4.80 \pm \sigma=0.45$) e reforço ($\bar{x}=4.80 \pm \sigma=0.30$).

Quadro 5- Médias e desvio padrão das variáveis do treino instrução, suporte social, reforço, democrático e autocrático das versões percepção e preferências em função do volume de horas de treino semanais.

Variáveis	Horas de treino semanais				
	Até 2h	De 3h a 5h	De 6h a 8h	9h ou mais	
Percepção	Treino instrução	4.35 ± 0.72	4.66 ± 0.53	4.92 ± 0.21	4.80 ± 0.44
	Suporte Social	4.53 ± 0.82	4.77 ± 0.54	4.98 ± 0.79	4.87 ± 0.30
	Reforço	4.71 ± 0.41	4.87 ± 0.34	4.82 ± 0.48	4.85 ± 0.33
	Democrático	3.97 ± 0.89	4.18 ± 0.94	4.18 ± 0.99	3.40 ± 1.17
	Autocrático	2.35 ± 1.31	1.97 ± 1.30	2.00 ± 1.22	2.30 ± 1.20
Preferências	Treino instrução	4.44 ± 0.75	4.72 ± 0.36	4.82 ± 0.41	4.80 ± 0.45
	Suporte Social	4.70 ± 0.59	4.82 ± 0.50	5.00 ± 0.00	4.80 ± 0.45
	Reforço	4.76 ± 0.66	4.95 ± 0.23	4.96 ± 0.16	4.80 ± 0.30
	Democrático	4.28 ± 0.98	4.35 ± 0.67	4.29 ± 0.79	3.70 ± 1.30
	Autocrático	2.18 ± 0.86	1.80 ± 0.68	1.52 ± 0.83	2.25 ± 1.25

No Quadro 6, podemos observar os valores médios e desvio padrão das variáveis de treino instrução, de suporte social, de reforço, de comportamento democrático e de comportamento autocrático da versão percepção e preferências, em função da participação internacional. Neste contexto constata-se que relativamente à versão percepção, quer os atletas com participação internacional ($\bar{x}=4.79 \pm \sigma=0.43$), quer os sem participação internacional ($\bar{x}=4.85 \pm \sigma=0.26$) apresentam valores médios mais elevados na variável reforço.

Na versão preferências, podemos verificar que tanto os atletas com participações internacionais ($\bar{x}=4.75 \pm \sigma=0.71$), como sem participação internacional ($\bar{x}=4.91 \pm \sigma=0.31$) apresentam valores médios mais elevados na dimensão reforço.

Quadro 6- Médias e desvio padrão das variáveis do treino instrução, suporte social, reforço, democrático e autocrático das versões percepção e preferências em função da participação internacional.

	Variáveis	Participação Internacional	
		Sim	Não
Percepção	Treino instrução	4.67 ± 0.54	4.59 ± 0.61
	Suporte Social	4.71 ± 0.91	4.74 ± 0.52
	Reforço	4.85 ± 0.26	4.79 ± 0.43
	Democrático	3.98 ± 0.95	4.09 ± 0.95
	Autocrático	1.86 ± 1.24	2.21 ± 1.29
Preferências	Treino instrução	4.51 ± 0.89	4.68 ± 0.42
	Suporte Social	4.70 ± 0.68	4.84 ± 0.42
	Reforço	4.75 ± 0.71	4.91 ± 0.31
	Democrático	4.04 ± 0.96	4.35 ± 0.80
	Autocrático	2.02 ± 0.97	1.88 ± 0.80

2.2. Análise Inferencial

Neste capítulo da apresentação dos resultados, procedemos à análise estatística inferencial que nos permitirá verificar a confirmação, ou não, das hipóteses de estudo.

Hipótese 1: Não existem diferenças significativas na autopercepção de liderança dos treinadores de Desporto Adaptado de atletas com Dificuldade Intelectual e Desenvolvimental participantes no Special Olympics Portugal, em função do género.

Com o intuito de respondermos à hipótese 1, efetuamos em primeiro lugar um teste de normalidade, no qual conseguimos aferir que os nossos dados não apresentam uma distribuição normal. Como tal, aplicamos o teste não paramétrico U de Mann-Whitney, como podemos verificar no quadro que se segue.

No Quadro 7, apresentamos os valores médios e os desvios padrões obtidos nas diferentes variáveis da nossa investigação e quando analisados os níveis de significância, verificámos que em todas as variáveis os valores de significância de $\alpha > 0.05$, o que sugere que não existem diferenças estatisticamente significativas entre géneros, o que nos leva a aceitar a hipótese 1.

Quadro 7 - Nível de significância das comparações para as variáveis da autoperceção de liderança dos treinadores de DA de atletas com DID participantes no SOP em função do género.

	Variáveis	Género		Sig.
		Masculino	Feminino	
Autoperceção	Treino instrução	4.20 ± 0.46	4.30 ± 0.50	0.45
	Suporte Social	3.00 ± 0.43	3.15 ± 0.58	0.42
	Reforço	4.44 ± 0.37	4.62 ± 0.36	0.19
	Democrático	3.70 ± 0.67	3.90 ± 0.56	0.50
	Autocrático	1.80 ± 0.86	1.80 ± 0.79	0.93

Hipótese 2: Existem diferenças significativas na autoperceção de liderança dos treinadores de Desporto Adaptado de atletas com Dificuldade Intelectual e Desenvolvimental participantes no Special Olympics Portugal, em função dos anos de experiência.

Para analisarmos esta hipótese, fizemos um teste de normalidade, onde pudemos verificar que o nosso estudo não tinha uma distribuição normal. Desta forma, utilizamos o teste não paramétrico de U de Mann-Whitney, para conseguirmos dar resposta à hipótese 2.

Analisando o Quadro 8, averiguamos que os anos de experiência entre 3 a 7 anos apresentam valores médios superiores em todas as variáveis da autoperceção. Quando analisados os valores de significância das variáveis em estudo, verificámos que não existem diferenças estatisticamente significativas, registando valores de significância de $\alpha > 0.05$. Desta forma, rejeitamos a hipótese 2.

Quadro 8- Nível de significância das comparações para as variáveis da autoperceção de liderança dos treinadores de DA de atletas com DID participantes no SOP em função dos anos de experiência.

Variáveis	Anos de Experiência						Sig.
	Entre 2 a 3 anos	Entre 4 a 5 anos	Entre 6 a 7 anos	Entre 8 a 9 anos	Mais de 11 anos	Sem experiência	
Treino Instrução	4.25 ± 0.25	4.42 ± 0.51	4.63 ± 0.18	4.19 ± 0.43	4.13 ± 0.43	4.05 ± 0.51	0.51
Autoperceção Suporte Social	3.41 ± 0.52	3.00 ± 0.46	3.00 ± 0.00	3.19 ± 0.13	3.19 ± 0.43	2.90 ± 0.59	0.27
Reforço	4.60 ± 0.20	4.57 ± 0.41	4.90 ± 0.14	4.30 ± 0.35	4.45 ± 0.55	4.38 ± 0.37	0.39
Democrático	4.08 ± 0.14	3.75 ± 0.58	4.38 ± 0.18	3.56 ± 1.21	3.69 ± 0.77	3.68 ± 0.44	0.54
Autocrático	2.67 ± 1.53	1.71 ± 0.91	2.00 ± 1.41	1.63 ± 0.48	1.88 ± 0.85	1.72 ± 0.64	0.91

Hipótese 3: Não existem diferenças em função do género, no perfil de perceção de atletas com Dificuldade Intelectual e Desenvolvimental participantes no Special Olympics Portugal, do estilo de liderança dos treinadores de Desporto Adaptado.

De forma a analisarmos as dimensões da variável perceção, quadro 8, verificamos que não existe normalidade, o que nos levou a seleccionar a prova não paramétrica de U de Mann Whitney.

Analisando o Quadro 9, podemos concluir que o género masculino apresenta valores médios superiores na dimensão reforço. Aquando de analisados os valores de significância, estes registam valores de $\alpha > 0.05$, o que demonstra que não existe diferenças estatisticamente significativas entre géneros, o que nos leva a aceitar a hipótese 3.

Quadro 9- Nível de significância das comparações para as variáveis da perceção de atletas com DID participantes no SOP, do estilo de liderança dos treinadores de DA, em função do género

Variáveis	Género		Sig.
	Masculino	Feminino	
Treino instrução	4.65 ± 0.55	4.50 ± 0.70	0.58
Suporte Social	4.79 ± 0.47	4.58 ± 0.89	0.49
Reforço	4.84 ± 0.37	4.70 ± 0.44	0.19
Democrático	4.01 ± 0.98	4.18 ± 0.86	0.47
Autocrático	2.10 ± 1.21	2.22 ± 1.45	0.97

Hipótese 4: Existem diferenças em função do volume de horas de treino semanal, no perfil de percepção de atletas com Dificuldade Intelectual e Desenvolvidamental participantes no Special Olympics Portugal, do estilo de liderança dos treinadores de Desporto Adaptado.

Ao analisarmos o Quadro 10, após a aplicação do teste Kruskal Wallis podemos verificar que existem diferenças estatisticamente significativas nas variáveis treino instrução e no suporte social, em função do volume de horas de treino semanal. O treino instrução apresentou um valor de significância de $\alpha = 0.01$ e o suporte social de $\alpha = 0.03$. Relativamente às variáveis reforço, democrático e autocrático os níveis de significância são de $\alpha = 0.06$, 0.30 e de 0.49 respetivamente, o que sugere que não existem diferenças estatisticamente significativas.

Desta forma, podemos afirmar que existem diferenças estatisticamente significativas apenas em duas das variáveis analisadas (treino instrução e suporte social), em função do volume de horas de treino semanal. Como o mesmo não acontece nas outras variáveis, rejeitamos a hipótese 4.

Quadro 10- Nível de significância das comparações para as variáveis da percepção de atletas com DID participantes no SOP, do estilo de liderança dos treinadores de DA, em função do volume de horas de treino semanal.

	Variáveis	Horas de treino semanais				Sig.
		Até 2h	De 3h a 5h	De 6h a 8h	9h ou mais	
Percepção	Treino instrução	4.35 ± 0.72	4.66 ± 0.53	4.92 ± 0.21	4.80 ± 0.44	0.01*
	Suporte Social	4.53 ± 0.82	4.77 ± 0.54	4.98 ± 0.79	4.87 ± 0.30	0.03*
	Reforço	4.71 ± 0.41	4.87 ± 0.34	4.82 ± 0.48	4.85 ± 0.33	0.06
	Democrático	3.97 ± 0.89	4.18 ± 0.94	4.18 ± 0.99	3.40 ± 1.17	0.30
	Autocrático	2.35 ± 1.31	1.97 ± 1.30	2.00 ± 1.22	2.30 ± 1.20	0.49

*Sig. $\alpha \leq 0.05$ **Sig. $\alpha \leq 0.01$

De seguida, realizamos uma análise par a par entre os níveis de horas de treino semanais que evidenciaram diferenças nas variáveis dependentes, através do teste U Mann Whitney.

No Quadro 11 podemos observar que quando comparadas as dimensões de treino instrução e suporte social com as horas de treino semanal encontramos diferenças estatisticamente significativas. Tal acontece na dimensão de treino instrução quando

comparado com até 2 horas e de 6 a 8 horas ($\alpha=0.001$), e entre 3 a 5 horas e de 6 a 8 horas ($\alpha=0.044$). Quando comparamos a dimensão de suporte social com as horas de treino semanal, verificamos que as diferenças estatisticamente significativas encontram-se entre até 2 horas e de 6 a 8 horas de treino semanal ($\alpha=0.006$).

Quadro 11- Nível de significância da percepção de atletas com DID participantes no SOP, do estilo de liderança dos treinadores de DA, em função do volume de horas de treino semanal.

Percepção	Horas de treino semanais				
	Até 2h	De 3h a 5h	De 6h a 8h	9h ou mais	
Treino instrução	Até 2h	ns	ns	0.001**	ns
	De 3h a 5h	ns	ns	0.044**	ns
	De 6h a 8h	ns	ns	ns	ns
	9h ou mais	ns	ns	ns	ns
Suporte Social	Até 2h	ns	ns	0.006**	ns
	De 3h a 5h	ns	ns	ns	ns
	De 6h a 8h	ns	ns	ns	ns
	9h ou mais	ns	ns	ns	ns

*Sig. $\alpha \leq 0.05$, **Sig. $\alpha \leq 0.01$, ns – não significativo

Hipótese 5: Existem diferenças em função da participação internacional, no perfil de percepção de atletas com Dificuldade Intelectual e Desenvolvimental participantes no Special Olympics Portugal, do estilo de liderança dos treinadores de Desporto Adaptado.

De forma a analisar a hipótese 5, fizemos um teste de normalidade, onde pudemos verificar que a amostra não tinha uma distribuição normal. Desta forma, utilizamos o teste não paramétrico de U de Mann-Whitney.

Analisando o Quadro 12, verificamos que as participações internacionais apresentam valores médios superiores na dimensão de reforço. Quando analisados os valores de significância das variáveis em estudo, verificámos que não existem diferenças estatisticamente significativas, registando valores de significância de $\alpha > 0.05$. Desta forma, rejeitamos a hipótese 5.

Quadro 12- Nível de significância das comparações para as variáveis da percepção de atletas com DID participantes no SOP, do estilo de liderança dos treinadores de DA, em função da participação internacional.

	Variáveis	Participação Internacional		Sig.
		Sim	Não	
Perceção	Treino instrução	4.67 ± 0.54	4.59 ± 0.61	0.57
	Suporte Social	4.71 ± 0.91	4.74 ± 0.52	0.22
	Reforço	4.85 ± 0.26	4.79 ± 0.43	0.62
	Democrático	3.98 ± 0.95	4.09 ± 0.95	0.56
	Autocrático	1.86 ± 1.24	2.21 ± 1.29	0.26

Hipótese 6: Existem diferenças em função do género, no perfil de preferências de atletas com Dificuldade Intelectual e Desenvolvimental participantes no Special Olympics Portugal, do estilo de liderança dos treinadores de Desporto Adaptado.

De forma a analisarmos as dimensões da variável preferências, quadro 11, verificamos que não existe normalidade, o que nos levou a seleccionar a prova não paramétrica de U de Mann Whitney.

Analisando o Quadro 13, podemos concluir que o género masculino apresenta valores médios superiores nas dimensões da variável preferências, com exceção da dimensão autocrático. Aquando de analisados os valores de significância, estes registam valores de $\alpha = 0.03$ na dimensão autocrático, o que nos leva a concluir que existem diferenças estatisticamente significativas. No entanto, as restantes dimensões apresentam valores de significância $\alpha > 0.05$, o que sugere que não existem diferenças estatisticamente significativas.

Desta forma, podemos afirmar que existem diferenças estatisticamente significativas apenas numa das dimensões da variável analisada, a dimensão autocrática, em função do género. Como o mesmo não se verifica nas outras dimensões, rejeitamos a hipótese 6.

Quadro 13- Nível de significância das comparações para as variáveis de preferências de atletas com DID participantes no SOP, do estilo de liderança dos treinadores de DA, em função do género.

	Variáveis	Género		Sig.
		Masculino	Feminino	
Preferências	Treino instrução	4.68 ± 0.43	4.56 ± 0.80	0.86
	Suporte Social	4.86 ± 0.43	4.69 ± 0.60	0.05*
	Reforço	4.92 ± 0.30	4.77 ± 0.67	0.49
	Democrático	4.33 ± 0.75	4.15 ± 1.06	0.62
	Autocrático	1.79 ± 0.79	2.20 ± 0.89	0.03*

*Sig. $\alpha \leq 0.05$ **Sig. $\alpha \leq 0.01$

Hipótese 7: Existem diferenças em função do volume de horas de treino semanal, no perfil de preferências de atletas com Dificuldade Intelectual e Desenvolvimental participantes no Special Olympics Portugal, do estilo de liderança dos treinadores de Desporto Adaptado.

Ao analisarmos o Quadro 14, após a aplicação do teste Kruskal Wallis podemos verificar que existem diferenças estatisticamente significativas nas dimensões do treino instrução e no autocrático, em função do volume de horas de treino semanal. O treino instrução apresenta um valor de significância de $\alpha = 0.03$ e o autocrático de $\alpha = 0.02$. Relativamente às variáveis suporte social, reforço e democrático os valores de significância são de $\alpha > 0.05$, o que sugere que não existem diferenças estatisticamente significativas.

Desta forma, podemos afirmar que existem diferenças estatisticamente significativas apenas em duas das variáveis analisadas (treino instrução e autocrático), em função do volume de horas de treino semanal. Como o mesmo não acontece nas restantes variáveis, rejeitamos a hipótese 7.

Quadro 14- Nível de significância das comparações para as variáveis de preferências de atletas com DID participantes no SOP, do estilo de liderança dos treinadores de DA, em função do volume de horas de treino semanal.

	Variáveis	Horas de treino semanais				Sig.
		Até 2h	De 3h a 5h	De 6h a 8h	9h ou mais	
Preferências	Treino instrução	4.44 ± 0.75	4.72 ± 0.36	4.82 ± 0.41	4.80 ± 0.45	0.03*
	Suporte Social	4.70 ± 0.59	4.82 ± 0.50	5.00 ± 0.00	4.80 ± 0.45	0.06
	Reforço	4.76 ± 0.66	4.95 ± 0.23	4.96 ± 0.16	4.80 ± 0.30	0.17
	Democrático	4.28 ± 0.98	4.35 ± 0.67	4.29 ± 0.79	3.70 ± 1.30	0.64
	Autocrático	2.18 ± 0.86	1.80 ± 0.68	1.52 ± 0.83	2.25 ± 1.25	0.02*

*Sig. $\alpha \leq 0.05$ **Sig. $\alpha \leq 0.01$

De seguida, realizamos uma análise par a par entre os níveis de horas de treino semanais que evidenciaram diferenças nas variáveis dependentes, através do teste U Mann Whitney.

No Quadro 15 podemos observar que quando comparadas as dimensões de treino instrução e suporte social com as horas de treino semanal encontramos diferenças estatisticamente significativas. Tal acontece na dimensão de treino instrução quando comparado com até 2 horas e de 6 a 8 horas ($\alpha=0.001$). Quando comparamos a dimensão de suporte social com as horas de treino semanal, verificamos que as diferenças estatisticamente significativas encontram-se entre até 2 horas e de 6 a 8 horas de treino semanal ($\alpha=0.006$).

Quadro 15- Nível de significância das comparações da perceção de atletas com DID participantes no SOP, do estilo de liderança dos treinadores de DA, em função do volume de horas de treino semanal.

Preferências		Horas de treino semanais			
		Até 2h	De 3h a 5h	De 6h a 8h	9h ou mais
Treino instrução	Até 2h	ns	ns	0.012*	ns
	De 3h a 5h	ns	ns	ns	ns
	De 6h a 8h	ns	ns	ns	ns
	9h ou mais	ns	ns	ns	ns
Autocrático	Até 2h	ns	ns	0.004**	ns
	De 3h a 5h	ns	ns	ns	ns
	De 6h a 8h	ns	ns	ns	ns
	9h ou mais	ns	ns	ns	ns

*Sig. $\alpha \leq 0.05$, **Sig. $\alpha \leq 0.01$, ns – não significativo

Hipótese 8: Existem diferenças em função da participação internacional, no perfil de preferências de atletas com Dificuldade Intelectual e Desenvolvimental participantes no Special Olympics Portugal, do estilo de liderança dos treinadores de Desporto Adaptado.

De forma a analisara hipótese 8, fizemos um teste de normalidade, onde pudemos verificar que a amostra não tinha uma distribuição normal. Desta forma, utilizamos o teste não paramétrico de U de Mann-Whitney.

Analisando o Quadro 16, verificamos que as participações internacionais apresentam valores médios superiores na dimensão de reforço. Quando analisados os valores de significância das variáveis em estudo, verificámos que não existem diferenças estatisticamente significativas, registando valores de significância de $\alpha > 0.05$. Desta forma, rejeitamos a hipótese 8.

Quadro 16- Nível de significância das comparações para as variáveis de preferências de atletas com DID participantes no SOP, do estilo de liderança dos treinadores de DA, em função da participação internacional.

	Variáveis	Participação Internacional		Sig.
		Sim	Não	
Preferências	Treino instrução	4.51 ± 0.89	4.68 ± 0.42	0.68
	Suporte Social	4.70 ± 0.68	4.84 ± 0.42	0.53
	Reforço	4.75 ± 0.71	4.91 ± 0.31	0.59
	Democrático	4.04 ± 0.96	4.35 ± 0.80	0.12
	Autocrático	2.02 ± 0.97	1.88 ± 0.80	0.64

Hipótese 9: As dimensões de auto percepção de liderança treinadores de Desporto Adaptado, correlacionam-se positivamente com as respetivas dimensões de percepção e preferências de atletas Dificuldade Intelectual e Desenvolvimental participantes no Special Olympics Portugal.

De forma a analisar as correlações entre as dimensões da auto percepção e as dimensões da percepção e preferências (quadro 17), aplicamos o teste de correlação de Spearman. Após a aplicação do teste verificamos que:

- Existe correlação moderada positiva e estatisticamente significativa entre a dimensão de suporte social e autocrático, da variável da auto percepção, e a dimensão de treino instrução, da variável de percepção.

- Existe correlação moderada positiva e estatisticamente significativa entre a dimensão autocrático, da variável da autoperceção, e a dimensão de suporte social, da variável de perceção.
- Existe correlação moderada positiva e estatisticamente significativa entre a dimensão suporte social e autocrático, da variável da autoperceção, e a dimensão de reforço, da variável de perceção.
- Existe correlação moderada positiva e estatisticamente significativa entre a dimensão suporte social, democrático e autocrático, da variável da autoperceção, e a dimensão de democrático, da variável de perceção.
- Existe correlação moderada positiva e estatisticamente significativa entre a dimensão suporte social e democrático, da variável da autoperceção, e a dimensão de treino instrução, da variável de preferências.
- Existe correlação moderada positiva e estatisticamente significativa entre a dimensão autocrático, da variável da autoperceção, e a dimensão de suporte social, da variável de preferências.
- Existe correlação moderada positiva e estatisticamente significativa entre a dimensão suporte social e autocrático, da variável da autoperceção, e a dimensão de democrático, da variável de preferências.
- Existe correlação moderada positiva e estatisticamente significativa entre a dimensão reforço, da variável da autoperceção, e a dimensão de autocrático, da variável de preferências.

Tendo em conta que não se verifica uma correlação positiva entre todas as dimensões da autoperceção e perceção e preferências, rejeitamos a hipótese 9.

Quadro 17- Coeficiente de Correlação de Spearman entre a Auto percepção e Percepção e Preferências.

Variáveis	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
Auto percepção	1. Treino Instrução	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	2. Suporte Social	.03	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	3. Reforço	.47**	-.18	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	4. Democrático	.38**	.68**	.17	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	5. Autocrático	-.44**	.78**	-.34**	.36**	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Percepção	6. Treino Instrução	-.39**	.33**	-.57**	.05	.51**	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	7. Suporte Social	-.50**	-.3	-.47**	-.22*	.35**	.58**	-	-	-	-	-	-	-	-
	8. Reforço	-.45**	.25*	-.55**	.01	.41**	.59**	.48**	-	-	-	-	-	-	-
	9. Democrático	-.30**	.49**	-.26*	.24*	.59**	.59**	.31**	.54**	-	-	-	-	-	-
	10. Autocrático	-.02	.25*	.14	-.20	-.23*	-.18	-.04	-.08	-.14	-	-	-	-	-
Preferências	11. Treino Instrução	-.47**	.38**	-.44**	.05	.50**	.67**	.35**	.63**	.49**	-.20	-	-	-	-
	12. Suporte Social	-.42**	.14	-.49**	-.13	.43**	.57**	.59**	.53**	.39**	-.10	.51**	-	-	-
	13. Reforço	-.19	.03	-.27**	-.02	.22*	.30**	.36**	.18	.17	-.17	.23*	.34**	-	-
	14. Democrático	-.24*	.28**	-.16	.18	.37**	.31**	.21*	.37**	.53**	-.00	.40**	.24*	.18	-
	15. Autocrático	.13	-.33**	.40**	-.17	-.43**	-.34**	-.30**	-.26*	-.32**	.27**	-.24*	-.36**	-.37**	-.05

*Sig. $\alpha \leq 0.05$ **Sig. $\alpha \leq 0.01$

Hipótese 10: Existem diferenças entre as dimensões da auto percepção de liderança dos treinadores de Desporto Adaptado e as respetivas dimensões da percepção dos atletas com Dificuldade Intelectual e Desenvolvimental participantes no Special Olympics Portugal, quanto aos perfis de liderança.

Ao analisarmos o Quadro 18, após a aplicação do teste Wilcoxon podemos verificar que existem diferenças estatisticamente significativas nas variáveis da auto percepção nas dimensões de treino instrução, suporte social e reforço, em função das respetivas dimensões da variável da percepção. O treino instrução, o suporte social e reforço, apresentam todas um valor de significância de $\alpha = 0.00$. Relativamente às variáveis democrático e autocrático os valores de significância são de $\alpha > 0.05$, o que sugere que não existem diferenças estatisticamente significativas.

Desta forma, podemos afirmar que existem diferenças estatisticamente significativas apenas em três das variáveis analisadas (treino instrução, o suporte social e reforço), em função das dimensões da percepção. Como o mesmo não acontece nas restantes variáveis, rejeitamos a hipótese 10.

Quadro 18- Nível de significância das comparações para as variáveis de autoperceção de liderança dos treinadores de DA e as respetivas dimensões da percepção dos atletas com DID participantes no SOP, quanto aos perfis de liderança.

Variáveis	Autoperceção	Perceção	Sig.
Treino instrução	4.19 ± 0.46	4.64 ± 0.50	0.000**
Suporte Social	3.19 ± 0.63	4.81 ± 0.49	0.000**
Reforço	4.53 ± 0.34	4.88 ± 0.44	0.000**
Democrático	3.96 ± 0.58	4.23 ± 0.85	0.478
Autocrático	1.78 ± 0.84	1.91 ± 0.84	0.122

*Sig. $\alpha \leq 0.05$ **Sig. $\alpha \leq 0.01$

Hipótese 11: Existem diferenças entre as dimensões da autoperceção de liderança dos treinadores de Desporto Adaptado e as respetivas dimensões das preferências dos atletas com Dificuldade Intelectual e Desenvolvimento participantes no Special Olympics Portugal, quanto aos perfis de liderança.

De forma a analisar a hipótese 11, fizemos um teste de normalidade, onde pudemos verificar que a amostra não tinha uma distribuição normal. Desta forma, utilizamos o teste não paramétrico Wilcoxon.

Analisando o Quadro 19, podemos verificar que existem diferenças estatisticamente significativas nas variáveis da autoperceção nas dimensões de treino instrução, suporte social, reforço e democrático, em função das respetivas dimensões da variável da percepção. O treino instrução, o suporte social, reforço e democrático, apresentam todas um valor de significância de $\alpha = 0.00$. Relativamente à variável autocrática, os valores de significância são de $\alpha > 0.05$, o que sugere que não existem diferenças estatisticamente significativas.

Desta forma, podemos afirmar que existem diferenças estatisticamente significativas apenas em quatro das variáveis analisadas (treino instrução, o suporte social, reforço e democrático), em função das dimensões da percepção. Como o mesmo não acontece nas restantes variáveis, rejeitamos a hipótese 11.

Quadro 19- Nível de significância das comparações para as variáveis de autoperceção de liderança dos treinadores de DA e as respetivas dimensões das preferências dos atletas com DID participantes no SOP, quanto aos perfis de liderança.

Variáveis	Autoperceção	Preferências	Sig.
Treino instrução	4.19 ± 0.46	4.64 ± 0.56	0.000**
Suporte Social	3.19 ± 0.63	4.81 ± 0.49	0.000**
Reforço	4.53 ± 0.34	4.88 ± 0.44	0.000**
Democrático	3.96 ± 0.58	4.28 ± 0.85	0.000**
Autocrático	1.78 ± 0.84	1.91 ± 0.84	0.549

*Sig. $\alpha \leq 0.05$ **Sig. $\alpha \leq 0.01$

Hipótese 12: Existem diferenças significativas entre as dimensões da perceção e as respetivas dimensões das preferências dos atletas com Dificuldade Intelectual e Desenvolvidamental participantes no Special Olympics Portugal, quanto ao perfil de liderança.

Ao analisarmos o Quadro 20, após a aplicação do teste Wilcoxon podemos verificar que existem diferenças estatisticamente significativas nas variáveis da autoperceção nas dimensões democrático, em função das respetivas dimensões da variável da perceção. A dimensão democrática, apresenta um valor de significância de $\alpha = 0.025$. Relativamente às variáveis treino instrução, suporte social, reforço e autocrático, os valores de significância são de $\alpha > 0.05$, o que sugere que não existem diferenças estatisticamente significativas.

Desta forma, podemos afirmar que existem diferenças estatisticamente significativas apenas numa das variáveis analisadas (democrático), em função das dimensões da perceção. Como o mesmo não acontece nas restantes variáveis, rejeitamos a hipótese 12.

Quadro 20- Nível de significância das comparações para as variáveis de percepção de liderança dos treinadores de DA e as respetivas dimensões das preferências dos atletas com DID participantes no SOP, quanto aos perfis de liderança.

Variáveis	Percepção	Preferências	Sig.
Treino instrução	4.64 ± 0.56	4.64 ± 0.56	0.273
Suporte Social	4.81 ± 0.49	4.81 ± 0.49	0.151
Reforço	4.88 ± 0.44	4.88 ± 0.44	0.075
Democrático	4.23 ± 0.85	4.28 ± 0.85	0.025*
Autocrático	1.91 ± 0.84	1.91 ± 0.84	0.205

*Sig. $\alpha \leq 0.05$ **Sig. $\alpha \leq 0.01$

3. Discussão dos resultados

Neste capítulo serão discutidos os resultados apresentados no capítulo anterior relativamente às hipóteses de investigação lançadas no início do estudo e dos fundamentos teóricos descritos no capítulo da revisão de literatura.

Neste contexto, o objetivo principal do estudo incidiu em identificar e explorar os estilos de liderança dos TDA-DID através das autoperceção dos mesmos e a perceção e preferências dos atletas com DID. A operacionalização do nosso estudo foi efetuada através da análise da LSS em função do género e anos de experiência dos TDA-DID; e do género, volume de horas de treino e participação internacional dos atletas com DID.

A capacidade do treinador em exercer a sua liderança depende principalmente da capacidade de definição de objetivos, a criação de um bom clima, a capacidade de motivar os seus atletas, bem como saber comunicar e liderar com os processos complexos (Huseinagic & Hodžic, 2009). Nesta perspetiva, Gomes et al. (2008) reforçam a premissa anterior definido conceito de eficácia como treinador. Segundos os autores, esta resulta de uma conjugação entre aquilo que o técnico é como pessoa (e.g., objetivos pessoais e profissionais, disponibilidade para ajudar os outros, etc.), o tipo de atletas que orienta (e.g., sexo, idade, preferências pessoais, etc.) e o contexto onde exerce as suas funções (e.g., modalidade coletiva ou individual, escalão competitivo, etc.).

A perceção dos atletas sobre o estilo de liderança dos treinadores é uma das componentes mais importantes para o sucesso da equipa. Segundo Oliveira e Chamarelli (2011) quanto mais o treinador é percebido pelos seus atletas, maior é a probabilidade de eficácia desse grupo. Por outro lado, o treinador que é percecionado de forma menos eficaz, tomando sozinho todas as decisões, contribui para a menor eficácia da sua equipa.

No que diz respeito à variável da autoperceção, verificamos que há duas dimensões que tem maior impacto no estilo de liderança dos treinadores, a dimensão de reforço e a de treino instrução comparativamente às restantes dimensões da autoperceção. Estes dados vêm ao encontro das afirmações de Antón e Rodríguez (2011) que através do seu estudo encontraram que o reforço positivo é uma variável que tem mais impacto

na autopercepção dos treinadores, sendo esta manifestada através da honestidade, simpatia e estimulação da autoconfiança.

Quanto à variável da autopercepção entre géneros verificamos que os treinadores, tanto do género feminino e do género masculino apresentam valores médios superiores na dimensão de reforço. No entanto, num estudo realizado por Nogić (2014) observou que os treinadores masculinos suportam significativamente mais o seu estilo de liderança no treino instrução do que as treinadoras, que são mais direcionadas para o reforço e suporte social.

A presente investigação demonstrou que os treinadores apresentam valores médios superiores com 6 a 7 anos de experiência na dimensão do reforço. O mesmo se verificou em todas as escalas da experiência do treinador, a dimensão de reforço apresentou sempre os valores médios mais elevados. Nogić (2014) constatou que a experiência do treinador apresenta os valores médios superiores na dimensão de treino instrução, e salienta ainda que com o aumento da experiência dos treinadores estes consideram mais a importância de treino instrução no seu estilo de liderança.

No que diz respeito à variável da percepção, verificamos que há duas dimensões que tem maior impacto no estilo de liderança percebido pelos atletas, a dimensão de reforço e a dimensão de suporte social comparativamente às restantes dimensões da percepção. Estes dados da dimensão de reforço vêm ao encontro de vários estudos (Ruiz, 2006; Simim & Noce, 2006a; Simim, Paiva & Noce, 2005), o que salienta a importância do feedback positivo fornecido pelo treinador aos atletas. Apesar de alguns estudos citados acima terem sido realizados em modalidades desportivas diferentes, existe um consenso nestes trabalhos sobre a importância desta dimensão de reforço no ambiente desportivo.

Relativamente à dimensão de suporte social, há estudos que destacam a importância do suporte social do treinador e a criação de um ambiente agradável durante o treino (Jambor & Zhang, 1997; Sullivan & Kent, 2003). Esses resultados coincidem com estudos de diferentes desportos coletivos, que sugerem que um ambiente ideal de aprendizagem é aquele que combina altos padrões de apoio emocional (Beauchamp, Bray, Eys, & Carron, 2005; Brandão, Dignani, Marques, & Miguel, 2007), o que gera menores índices de stresse e ansiedade e menor pressão social (Loughead & Hardy, 2005).

Em relação à variável da percepção entre géneros verificamos que os atletas tanto do género feminino e do género masculino apresentam valores médios superiores na dimensão de reforço. No entanto, a dimensão de suporte social também se destaca tanto no género feminino e no género masculino. Quando comparamos a percepção dos atletas não se verificam diferenças estatisticamente significativas entre os géneros. À semelhança da nossa investigação, Santos e Fonseca (2010), verificaram através dos seus estudos com atletas jogadoras de voleibol, que as atletas mais jovens necessitam de mais reforço positivo devido à transição da adolescência para a idade adulta.

Relativamente à variável da percepção entre o volume de horas de treino semanal verificamos que a dimensão de reforço apresenta valores médios superiores quando o atleta treina entre 3 a 5 horas semanais. Contrariamente ao que verificamos nas variáveis anteriores, o volume de horas de treino de semanal dos atletas com DID não é comparável com outros estudos devido à escassez dos mesmos nesta. Lee e Porreta (2013) num estudo onde verificaram a extensão da literatura publicada relacionada com o desporto para pessoas com deficiência, referem que na categoria "Seleção e Formação de Treinadores" o número de artigos publicados comparando com o primeiro e o segundo período de tempo, este, tanto a frequência como a percentagem, têm vindo a diminuir.

No que diz respeito à variável da percepção em relação à participação internacional constatamos que quer os atletas com participação internacional, quer os atletas sem participação internacional apresentam valores médios superiores na variável de reforço. Assim constata-se que ao comparar a percepção dos atletas com participação internacional e os atletas sem participação internacional não se verificam diferenças estatisticamente significativas entre os estilos de liderança, o mesmo se verificou num estudo realizado por Paquete, Dias, Corte-Real e Fonseca (2012).

No que diz respeito à variável de preferências, verificamos que há duas dimensões que tem maior impacto no estilo de liderança preferido pelos atletas, a dimensão de reforço e a dimensão de suporte social comparativamente às restantes dimensões de preferências. Sonoo et al. (2008) verificou que nos atletas juvenis e adultos a preferência dos atletas é direcionada ao treino instrução e reforço, à semelhança do nosso estudo. Lopes et al. (2004), referem também que os comportamentos de treino instrução e de reforço são os mais desejados, e o comportamento autocrático, o menos desejado.

Relativamente à variável de preferências entre géneros observamos que os atletas tanto do género feminino e do género masculino apresentam valores médios superiores na dimensão de reforço. No entanto, a dimensão de suporte social também se destaca tanto no género feminino e no género masculino. O oposto é observado quando Sonoo et al. (2008) comparam a preferência dos atletas de equipas masculinas e femininas, em que o comportamento autocrático é mais significativo para o género masculino, enfatizando-se pela necessidade de regras. Weinberg e Gould (2001) afirmam que os homens têm mais preferência do que as mulheres por técnicos com comportamentos autocráticos e direcionados ao treino instrução. Assim, os técnicos devem ser mais diretos com os homens e fornecer muito *feedback* instrutivo, enquanto que as mulheres preferem técnicos democráticos e participativos que lhes permitam ajudar a tomar decisões

Relativamente à variável de preferência entre o volume de horas de treino semanal verificamos a dimensão de reforço apresenta valores médios superiores quando o atleta treina entre 3 a 5 horas semanais. À semelhança do que constatamos em relação à variável da perceção em função do volume de horas de treino semanal, também não foi possível comparar com outros estudos, tendo em conta a diminuição da publicação de artigos relacionados com esta temática (Lee & Porreta, 2013).

No que diz respeito à variável de preferência em relação à participação internacional verificamos que quer os atletas com participação, quer os sem participação internacional apresentam valores médios superiores na variável reforço. Verificamos ainda que ao comparar a preferência dos atletas com participação internacional e os atletas sem participação internacional não se verificam diferenças estatisticamente significativas entre os perfis de liderança.

Quando correlacionada a autoperceção com a perceção e preferências dos atletas verificamos que não existe uma correlação positiva entre todas as dimensões da autoperceção e perceção e preferências. O mesmo não se verifica num estudo realizado por Dell'Antonio e Barroso (2014) onde os resultados apontam que existe uma correlação moderada/forte entre a autoperceção dos treinadores e a perceção das atletas sobre os seus treinadores nos estilos de liderança, com evidência para a dimensão de treino instrução. Os dados sugerem que treinadores e atletas concordam com a forma de condução dos treinos, o que pode ter forte influência sobre o

desenvolvimento e desempenho individual e coletivo. Verificamos ainda que quando correlacionadas as dimensões da percepção e das preferências dos atletas com DID, estas apresentam correlações positivas, nomeadamente o treino instrução, suporte social e na dimensão democrático. No entanto, também verificamos correlações negativas na dimensão autocrático. Especificamente a percepção e preferências do treino instrução relacionam-se com o treino instrução, suporte social, reforço e dimensão democrático. Os resultados demonstram ainda a relação da dimensão autocrático, que se relaciona negativamente com o treino instrução, suporte social, reforço e com a dimensão democrático. No estudo de Duarte, Teques e Silva (2017) os resultados demonstraram que a relação entre a preferência e a percepção do comportamento autocrático se relaciona negativamente, verificando-se o mesmo no nosso estudo. O mesmo não se verificou quanto às correlações positivas, pois no estudo de Duarte, Teques e Silva (2017) estas verificaram-se na dimensão democrático e no suporte social.

Quando comparada a autopercepção dos treinadores com a percepção dos atletas podemos verificar que os atletas percebem o treinador de forma mais direcionada para o treino instrução, suporte social e reforço, do que o próprio se considera. Contrariamente, num estudo realizado por Sonoo, Hoshino e Vieira (2008) verificaram-se diferenças estatisticamente significativas nas dimensões de treino instrução e reforço, sendo que a autopercepção dos treinadores é mais direcionada para essas mesmas duas dimensões. No estudo de Baric e Horga (2003), verificou-se o mesmo, a autopercepção do técnico foi mais elevada que a percepção das atletas de basquetebol nas dimensões reforço e treino instrução.

Quando comparada a autopercepção dos treinadores com a preferência dos atletas podemos verificar que não existem diferenças estatisticamente significativas entre todas as variáveis da liderança. No entanto, se analisarmos cada dimensão do perfil de liderança podemos verificar que existe diferenças estatisticamente significativas, nomeadamente nas dimensões de treino instrução, suporte social, reforço e democrático. Na preferência dos atletas estes idealizam um treinador mais direcionado para o treino instrução, suporte social, reforço e democrático, do que o próprio se percebe.

Quando comparada a percepção com a preferência dos atletas podemos verificar que os atletas idealizam um treinador mais democrático do que o treinador se percebe. O mesmo não se verificou no estudo de Sonoo, Hoshino e Vieira (2008), onde conclui que os atletas preferem que o técnico deve estar mais orientado para o treino, que demonstre preocupação com eles e que aumente o número de *feedback* positivos, com estilo mais democrático do que autocrático.

4. Conclusões

De acordo com os objetivos delineados para o presente estudo, apresentamos de seguida algumas conclusões que nos permitem justificar a pertinência do mesmo.

Relativamente ao primeiro objetivo, que passava por avaliar a autoperceção de liderança dos TDA-DID participantes no SOP, verificamos que a dimensão de reforço apresenta valores médios superiores, seguida da dimensão de treino instrução, em relação a todas as dimensões da autoperceção.

Ainda no que diz respeito à autoperceção, o segundo objetivo pretendia comparar a autoperceção de liderança dos TDA-DID participantes no SOP em função do género e anos de experiência. Em relação ao género foi possível verificar que tanto no género masculino como no género feminino apresentam valores médios superiores nas dimensões de reforço e treino instrução. Quanto aos anos de experiência do TDA-DID, verificamos que estes apresentam valores médios superiores nas dimensões de reforço e treino instrução. Estes resultados inferem que independentemente do género e da sua experiência os TDA-DID autopercecionam-se de forma mais orientada para o reforço e o treino instrução.

No nosso estudo não se identificaram diferenças significativas no estilo de liderança relativamente ao género e aos anos de experiência dos TDA-DID.

No terceiro objetivo pretendeu-se avaliar o perfil de liderança dos TDA com base na perceção e preferências de atletas com DID participantes no SOP. No que concerne à perceção dos atletas com DID, observamos que apresentam valores médios superiores nas dimensões de reforço e suporte social. O mesmo se verifica ao analisar as preferências dos atletas com DID, que apresentam, igualmente, valores médios superiores nas dimensões de reforço e suporte social.

Como quarto objetivo pretendíamos comparar os perfis de perceção e de preferência do estilo de liderança em função do género dos atletas, volume de horas de treino semanal e participação internacional. No que respeita à perceção, verificamos que, tanto no género masculino como no género feminino, as dimensões de reforço e suporte social apresentam os valores médios superiores. No género masculino, a perceção manifesta-se de forma ligeiramente mais elevada em ambas as dimensões,

levando-nos a concluir que necessitam de reconhecimento de um bom rendimento e de satisfação com o treino.

Relativamente ao volume de horas de treino semanal dos atletas com DID, observamos que apresentam valores médios superiores nas dimensões de reforço e suporte social. Ao analisarmos detalhadamente cada dimensão, observamos que existem diferenças estatisticamente significativas nas dimensões de treino instrução e ainda na dimensão de suporte social. No treino instrução essas diferenças ocorrem quando comparando os atletas que treinam até 2 horas com os que treinam entre 6 a 8 horas e também nos atletas que treinam entre 3 a 5 horas e com os que treinam 6 a 8 horas. Na dimensão de suporte social verificamos que as diferenças ocorrem quando comparando os atletas que treinam até 2 horas com os que treinam entre 6 a 8 horas.

Em relação à participação internacional dos atletas com DID, observamos que, com ou sem participação internacional, apresentam valores médios mais elevados nas dimensões de reforço e suporte social.

Quanto às preferências dos atletas com DID, verificamos que tanto no género masculino como no género feminino, as dimensões de reforço e suporte social apresentam os valores médios superiores. No género masculino, manifesta-se de forma ligeiramente mais elevada em ambas as dimensões, levando-nos a concluir que os atletas preferem o reconhecimento de um bom rendimento e um bom ambiente de treino.

Relativamente ao volume de horas de treino semanal dos atletas com DID, observamos que apresentam valores médios superiores nas dimensões de reforço e suporte social. Analisando detalhadamente cada dimensão, verificamos que existem diferenças estatisticamente significativas nas dimensões de treino instrução e autocrático. Na dimensão de treino instrução verificamos essas diferenças quando comparando os atletas que treinam até 2 horas com os que treinam entre 6 a 8 horas. O mesmo acontece na dimensão de suporte social quando comparando os atletas que treinam até 2 horas com os que treinam entre 6 a 8 horas.

Em relação à participação internacional dos atletas com DID, observamos que, com ou sem participação internacional, apresentam valores médio superiores nas dimensões de reforço e suporte social.

Deste modo, podemos afirmar que o nosso estudo não encontrou diferenças significativas relativamente ao género nos atletas com DID, tanto em relação às suas perceções como às suas preferências. Também não encontramos diferenças significativas no perfil de liderança consoante o volume de horas de treino semanal, dado que as acima referidas apenas se verificam em duas dimensões do perfil de liderança e não em todos. Na participação internacional, também não verificamos diferenças significativas.

Relativamente ao quinto objetivo do nosso estudo, que consistiu em correlacionar os níveis de autoperceção, com a perceção e preferências, observamos que existem algumas correlações positivas entre as dimensões do perfil de liderança. No entanto, como estas não se verificam em todas as dimensões, consideramos que não há correlação positiva entre a autoperceção dos TDA com a perceção e preferências dos atletas com DID. Mesmo assim, na correlação entre a perceção e as preferências dos atletas com DID verificamos correlações positivas nas dimensões de treino instrução, suporte social e democrático. Verificamos ainda, que a dimensão autocrática apresenta correlações negativas com as restantes dimensões.

Assim sendo, os resultados que foram apresentados podem encorajar os treinadores a apresentarem comportamentos de treino instrução, de forma a melhorar a performance dos atletas e instruindo os atletas nas práticas, técnicas e táticas da modalidade. A apresentação de comportamentos de suporte social, de forma a promover as relações interpessoais entre os jogadores, ou a preocuparem-se com o bem-estar pessoal dos atletas. Os treinadores devem ser encorajados a apresentarem comportamentos democráticos, tais como a partilha das decisões, na implementação de regras do grupo, ou ouvir a opinião dos atletas acerca dos métodos de trabalho. Os resultados evidenciam que, parecem ser evitados comportamentos autocráticos, como, por exemplo, comportamentos que pretendem vincar a autoridade pessoal, ou não dar qualquer tipo de explicação para as decisões que são tomadas.

No sexto objetivo do estudo pretendemos comparar os perfis de autoperceção de liderança dos TDA com as perceções e preferências dos atletas com DID participantes no SOP, quanto aos perfis de liderança. Ao comparar a autoperceção dos TDA com a perceção dos atletas com DID verificamos que algumas dimensões apresentaram diferenças estatisticamente significativas, sendo elas a dimensão de treino instrução, a

dimensão de suporte social e a dimensão de reforço. Desta forma, concluímos que os atletas percecionam o treinador nestas três dimensões de forma mais elevada que os próprios se consideram.

Quanto à autoperceção dos TDA comparada com a preferência dos atletas com DID verificamos que algumas dimensões apresentaram diferenças estatisticamente significativas, sendo estas a dimensão de treino instrução, a dimensão de suporte social, a dimensão de reforço e a dimensão de democrático. À semelhança do que concluímos acima, os atletas percecionam o treinador nestas quatro dimensões de forma mais elevada que os próprios se consideram, exigindo um comportamento diferenciado daquele apresentado pelos técnicos.

Relativamente ao último objetivo do nosso estudo, que consistiu em comparar as perceções e preferências dos atletas com DID participantes no SOP, quanto ao perfil de liderança, observamos que apenas a dimensão democrático apresenta diferenças estatisticamente significativas. Desta forma, os atletas preferem um treinador mais democrático em relação ao treinador atual.

Por fim, em relação à questão lançada no início do estudo: *Será que a autoperceção do estilo de liderança por parte do treinador, é idêntica à perceção que os atletas têm do seu estilo de liderança e o quanto difere face às preferências dos atletas?*, podemos inferir que a autoperceção dos TDA-DID é idêntica à perceção e preferências dos atletas com DID. De forma geral, os TDA-DID autopercecionam-se como treinadores mais direcionados para o reforço e treino instrução, enquanto que os atletas com DID percecionam e preferem os mesmos mais orientados para o reforço e suporte social. Em relação à perceção e preferências dos atletas com DID estes avaliam as suas preferências bastante semelhantes ao treinador atual. Aparentemente, este facto ocorre, pois, os atletas com DID pertencentes à amostra, encontram-se, maioritariamente, em contexto institucional, considerando o treinador atual como única referência.

5. Aplicação Prática

Procuramos com o presente estudo contribuir de forma positiva para o preenchimento de lacunas na área do desporto adaptado, tendo em conta a escassez de literatura, não só no desporto adaptado em geral, mas também no que concerne aos seus atletas e treinadores, podendo auxiliar a melhorar o processo de reabilitação das pessoas com deficiência e desenvolver diferentes abordagens de treino.

Analisadas as diferenças entre os valores das variáveis de percepção e preferências dos atletas, e dados os valores médios descritivos mais elevados nestas variáveis comparativamente com os da autopercepção, salienta-se uma aparente necessidade de um comportamento mais democrático demonstrado pelos treinadores aos seus atletas. Sugere-se uma atuação do treinador que confira mais autonomia aos atletas no processo de escolha das tarefas a cumprir ou da ordem das mesmas, assim como uma oportunidade de emissão da opinião dos atletas e que esta seja levada em consideração pelos treinadores.

5.1. Limitações

Algumas das limitações encontradas ao longo do estudo foram a escassez de informação relativa ao desporto adaptado em Portugal, nomeadamente no perfil de liderança onde os estudos realizados neste âmbito são ainda reduzidos, o que nos dificultou na altura da contrastação específica de resultados.

O facto de termos incluído apenas atletas com DID participantes no SOP para fazerem parte da amostra dificultou-nos, no que diz respeito à comparação de resultados entre toda a dimensão do contexto do desporto adaptado e da população com deficiência.

5.2. Sugestões

Em investigações futuras relacionadas com esta temática seria interessante aumentar a amostra, abrangendo atletas com outras tipologias de deficiências. Parece-nos também de extrema importância, o recurso à investigação de natureza qualitativa como complemento da quantitativa, de modo a identificarem-se aspetos pessoais, ou particulares, ou mesmo de interação no terreno, que mais dificilmente são suscetíveis

de serem captados em estudos que usam como único instrumento de recolha de informação o inquérito por questionário.

6. Referências Bibliográficas

- Alba, G., Toigo, G., & Barcellos, P. (2010). Percepção de Atletas Profissionais de Basquetebol sobre o Estilo de Liderança do Técnico. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 32(1), 143-159.
- Aleksic-Veljkovic, A., Djurovic, D., Dimic, I., Mujanovic, R., & Zivcic-Markovic, K. (2016). College athletes' perceptions of coaching behaviours: differences between individual and team sports. *Baltic Journal of Sport & Health Sciences*, 2(101), 61-65.
- Alves, J. (2000) – Liderazgo y Clima Organizacional. *Revista de Psicología del Deporte*, 9, 1-2, 123-133.
- Alves, N. A. (2006). *Investigação por Inquérito* (Master thesis). Universidade dos Açores, Ponta Delgada.
- American Association on Intellectual and Developmental Disabilities. (2010). Intellectual Disability: definition, classification, and systems of supports. (11th ed.). Washington, DC.
- American Psychiatric Association. (2013). Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders: DSM-V. (5th ed.). Arlington, VA: American Psychiatric Publishing.
- Antón, A., & Rodríguez, G. (2011). Basketball players' perception of their coaches. *Human Movement*, 12(4), 374-377.
- Audley, P. (2002). People with Physical and Sensory Disabilities, Participation Levels and Barriers to Physical Activity Western Health Board: The Department of Public Health.
- Baric, R., & Horga, S., (2003) Leadership of coaches-self perception vs. perception of their male and female basketball trainees. European Congress Of Sport Psychology, 11. Institute of Exercise and Sport Science, University of Copenhagen.
- Barrow, J. C. (1977). The variables of leadership: A review and conceptual framework. *Academic Management Review*, 2, 231-251.
- Bass, B. M. (2008). *The Bass handbook of leadership: Theory, research and managerial applications*. New York: Simon & Schuster.
- Batista, M. A. (2011). *La práctica de Judo en relación con el autoconcepto, la autoestima y el rendimiento escolar de los estudiantes de primer ciclo de primaria* (Doctoral dissertation). Facultad de Educación - Universidade de Extremadura, Badajoz.
- Beauchamp, M. R., Bray, S. R., Eys, M. A., & Carron, A. V. (2005). Leadership behaviors and multidimensional role ambiguity perceptions in team sports. *Small Group Reserch*, 36(1), 5-20.
- Bedell, G., Coster, W., Law, M., Lijenquist, K., Kao, Y.-C., Teplicky, R., Anaby, D., & Khetani, M. A. (2013). Community Participation, Supports, and Barriers of School-Age Children With and Without Disabilities. *Archives of Physical Medicine and Rehabilitation*, 94, 315-323.
- Bento, J. (1991). *Desporto, Saúde, Vida: em defesa do Desporto*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Bertelli, M. (2013). Il Ritardo Mentale nel DSM-5: Disabilità Intellettiva (Disturbo dello Sviluppo Intelletivo, Criteri Diagnostici e Posizione). CREA – Centro di Ricerca e Ambulatori
- Blinde, E., & McClung, L. (1997). Enhancing the Physical and Social Self Through Recreational Activity: Accounts of Individuals With Physical Disabilities. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 14 (4), 327 – 344.
- Bragaru, M., Wilgen, C. P. V., Geertzen, J. H. B., Ruijs, S. G. J. B., Dijkstra, P. U., & Dekker, R. (2013). Barriers and Facilitators of Participation in Sports: A Qualitative Study on Dutch Individuals with Lower Limb Amputation. *PLOS ONE*, 8 (3).

Brandão, M. R. F., Dignani, D. C., Marques, L. E., & Miguel, M. C. N. (2007). Percepção dos atletas de voleibol de alto nível sobre o perfil de liderança do treinador e sua relação com a atuação nos jogos. *Coleção Pesquisa em Educação Física*, 5, 467-474.

Brown, I., & Radford, J. (2009). Historical Overview of Intellectual and Developmental Disabilities, In I. Brown e Percy, M. (eds). *A Comprehensive guide to Intellectual and Developmental Disabilities* (17-33), Paul Brookes Publishing C^o

Buffart, L. M., Westendorp, T., van den Berg-Emons, R. J., Stam, H. J., & Roebroek, M. E. (2009). Perceived barriers to and facilitators of physical activity in young adults with childhood-onset physical disabilities. *Journal Rehabilitation Medicine*, 41 (11), 881-885.

Carvalho, J. (1995). Breve História das Organizações Desportivas: Federação Portuguesa de Desporto para Pessoas com Deficiência, 7, 7-23.

Carvalho, J. (2017). Uma breve história do Desporto para Pessoas com Deficiência. In L. Pereira (Eds) *Desporto com sentido – Manual de Desporto Adaptado* (p. 43-53). Seixal: APCAS.

Castro, J. (1998). Análise de alguns aspetos da prática desportiva por pessoas deficientes. *SOBAMA - Revista da Sociedade Brasileira de Atividades Motoras Adaptadas*, 3(3), 31-34.

Celestino, T., & Pereira, A. (2015). Orientação Adaptada: Características e Potencialidades de um Desporto de Inclusão. *Revista Desporto e Atividade Física para Todos – Revista Científica da FPDD*, 1(1), ISSN 2183-511X.

Cervo, A. L.; Bervian, P. A.; Silva, R. (2007). *Metodologia científica*. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall.

Chagas, S., & Santos, S. (2018). O comportamento adaptativo no diagnóstico da Dificuldade Intelectual e Desenvolvimental: uma nova abordagem. *Revista de Educação Especial e Reabilitação* (no prelo)

Chelladurai, P. (1984) – Leadership in sports. In J.M. Silva & R.S.Weinberg (Eds.), *Psychological Foundations of Sports. Champaign, Ill, Human Kinetics Pub*, 329-339.

Chelladurai, P. (1984). Discrepancy between preferences and perceptions of leadership behavior and satisfaction of athletes in varying sports. *Journal of Sport Psychology*, 6, 27-41.

Chelladurai, P. (1993). Leadership. In R. N. Singer, M. Murphy & L. Tennant (Eds.), *Handbook of research on sport psychology*. New York: MacMillan.

Chelladurai, P., & Saleh, S. (1978) – Preferred leadership in sports. *Canadian Journal of Applied Sport Science*, 3, 85-92.

Chelladurai, P., & Saleh, S. D. (1980). Dimensions of leader behavior in sports: Development of a leadership scale. *Journal of Sport Psychology*, 2, 34-45.

Chelladurai, P., Imamura, H., Yamaguchi, Y., Oinuma, Y., & Miyauchi, T. (1988). Sport Leadership in a cross-national setting: The case of Japanese and Canadian university athletes. *Journal of Sport and Exercise Psychology*(10), 374-389.

Comité Paralímpico de Portugal (2011). Regulamento Geral: Normas de Aplicação dos Estatutos. Retrieved from https://www.paralimpicos.eu/Documentos/Estatutos%20e%20Regulamento/Revis%C3%A3o%20Regulamento_Geral_Nov%202011_VFINAL.pdf.

Comité Paralímpico de Portugal (2016). Resumo da Participação Portuguesa nos Jogos Paralímpicos Rio 2016.

Conselho da Europa (1988). Carta Europeia do Desporto para todos: as pessoas deficientes. In *Desporto e Sociedade - Antologia de Textos*, nº105. Ministério da Educação. Direção Geral dos Desportos. Lisboa.

Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (2009). Disponível em: <https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWVpbnxhcGRhbWFyYW50ZXxneDo0ZDBlYzNiOGRkMzViZGU2>.

Correia, D. T. (Coord.) (2013). *Manual de Psicopatologia*. Lisboa: LIDEL.

Correia, L. (2007). Para uma definição portuguesa de dificuldades de aprendizagem específicas. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 13(2), 155–172. doi: 10.1590/s1413-65382007000200002

Cruz, J. F., & Gomes, A. R. (1996a). Liderança de equipas desportivas e comportamento do treinador. In J. F. Cruz (Ed.), *Manual de Psicologia do Desporto*. Braga: SHO-Sistemas Humanos e Organizacionais.

Dell'Antonio, E., & Barroso M. (2014). Perfil de liderança de treinadores e desempenho de equipas em competição. *Revista Avaliação Psicológica*, 13(3), 311-316.

Dias, B., & Santos, S. (2016). Avaliação Cognitiva não-verbal: Estudo comparativo em crianças com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais, Perturbações do Espectro do Autismo e Desenvolvimento Típico. *Revista Educação Especial e Reabilitação*. 23,77-95.

Dias, R. (2007). Desporto Adaptado do Futebol Clube do Porto. Porto: R. Pereira. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Dignani, D. C. (2007). Percepção dos atletas de voleibol de alto nível sobre o perfil de liderança do treinador e sua relação com a atuação nos jogos. (Dissertação de mestrado), Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, SP, Brasil.

Dosil, J. (2004). *Psicología de la Actividad Física y del Deporte*. Madrid, McGraw Hill.

Duarte, D., Teques, P., & Silva, C. (2017). Liderança e satisfação no futebol: testagem da congruência com recurso a análise de equações estruturais. *Revista Iberoamericana de Psicología del Ejercicio Y El Deporte*, 12(1), 71-82.

Espaço Lusófono (2016). Guia das Acessibilidades dos Espaços Desportivos – Distrito de Bragança. IRN,I.P. Disponível em https://issuu.com/espacolusofono/docs/guia_vila_real.

Ferreira, D. (2017) Motivação Autodeterminada, Satisfação com a Vida e Integração Social de Atletas de Desporto Adaptado na Modalidade de Atletismo (Unpublished master's thesis). Escola Superior de Educação de Castelo Branco, Castelo Branco.

Ferreira, J. (2005). Desporto adaptado: um veículo de socialização e de integração da pessoa com deficiência. *Boletim Sociedade Portuguesa de Educação Física*. 30, 111 – 120.

Franchi, C. M. (2012). Apostila de Bioestatística. Obtido em 21 de Junho de 2017, de <https://pt.scribd.com/doc/90270606/67773826-Apostila-de-Bioestatistica>.

Giacobbi, J., Stancil, M., Hardin, B., & Bryant, L. (2008). Physical Activity and Quality of Life Experienced by Highly Active Individuals With Physical Disabilities. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 25 (3), 189 – 207.

Gomes, A. (2005). *Liderança e Relação treinador-atleta em contextos desportivos* (Doctoral dissertacion). Universidade do Minho, Braga.

Gomes, A., Pereira, A., & Pinheiro, A. (2008). Liderança, Coesão e Satisfação em Equipas

Grossman, H. (1983). *Classification in Mental Retardation*. Washington DC: AAMD

Guttmann L. (1976). Textbook of Sport for the Disabled. *British Journal of Sports Medicine*. 10(4).

Hair, J. F., Anderson, R. E., Tatham, R. L., & Black, W. C. (1998). *Multivariate Data Analysis*. Upper Saddle River, NJ: Prentice-Hall.

Harris J.C., & Greenspan S. (2016) Definition and Nature of Intellectual Disability. In: Singh N. (eds) Handbook of Evidence-Based Practices in Intellectual and Developmental Disabilities. Evidence-Based Practices in Behavioral Health. Springer, Cham. https://doi.org/10.1007/978-3-319-26583-4_2

Heil, E. B. (2008). *A percepção de atletas com deficiência visual sobre o desporto adaptado*. Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí.

Heil, S. (2018). *What are Preferred Leadership Styles of Athletes from Their Coaches* (Master's thesis, State University of New York). Retrieved from https://digitalcommons.brockport.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1051&context=pes_synthesis

Herman, J. (1983). *Les langages de la sociologie*. Paris: Presses Universitaires de France.

Hersey, P., & Blanchard, K. H. (1977). *Management of organizations behavior: Utilizing human resources*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.

Horn, T. S. (1992). Leadership effectiveness in the sport domain. In T. S. Horn (Ed.), *Advances in sport psychology*. Champaign IL: Human Kinetics.

Horn, T., & Carron, A. (1985). Compatibility in coach-athlete relationships. *Journal of Sport Psychology*, 7(2), 137-149.

House, R. (1971). A path-goal theory of leader effectiveness. *Administrative Science Quarterly*, 16, 321-328.

Huot, Réjean (2002). *Métodos quantitativos para as ciências humanas* (tradução de Maria Luísa Figueiredo). Lisboa: Instituto Piaget.

Huseinagic, E., & Hodžic, A. (2009). Basketball coaches as leaders. *Sport Scientific and Practical Aspects*, 6(1), 48-55.

Jaarsma, E., Dijkstra, P., Blécourt, A., Geertzen, J., & Dekker, R. (2014) Barriers and facilitators of sports in children with physical disabilities: a mixed-method study. *Disability and Rehabilitation*, 37, 1-9. doi:10.3109/09638288.2014.972587

Jambor, E. A., & Zhang, J. J. (1997). Investigating leadership, gender, and coaching level using the Revised Leadership for Sport Scale. *Journal of Sport Behavior*, 20(3), 313-319.

Lee, J., & Porreta, D. (2013). Document Analysis of Sports Literature For Individuals With Disabilities. *Perceptual & Motor Skills: Physical Development & Measurement*, 116(3). Doi 10.2466/15.06.Pms.116.3.847-858

Leitão, J. (1999). A relação treinador-atleta: percepção dos comportamentos de liderança e de coesão em equipas de futebol (Doctoral dissertation). Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Universidade Coimbra, Porto.

Lopes, M., Samulski, D., & Noce, F. (2004). Análise do perfil ideal do treinador de voleibol das seleções brasileiras juvenis. *R. bras. Ci.e Mov*, 12(4), 51-55.

Loughead, T. M., & Hardy, J. (2005). An examination of coach and peer leader behaviors in sport. *Psychology of Sport and Exercise*, 6, 303-312.

Luckasson, R., Borthwick-Duffy, S., Buntinx, W., Coulter, D., Craig, E., Reeve, A., Schalock, R. e Snell, M.; Spitalnik, D.; Spreat, S. & Tassé, M. (1992). *Mental Retardation – definition, classification and systems of supports* (9th Ed). Washington, DC: American Association on Mental Retardation.

- MacMillan, D., Siperstein, G., & Gresham, F. (1996). A Challenge to the Viability of Mild Mental Retardation as a Diagnostic Category. *Exceptional Children*, 62 (4), 356-371.
- Marques, U. (1997). A exclusão social e a atividade física. In A. Marques, A. Prista, A. Junior, (Eds). *Educação Física: Contexto e Inovação – Atas do V Congresso de Educação Física e Ciências do Desporto dos Países de Língua Portuguesa*. 1, 161 – 176.
- Monteiro, N., & Pereira, A. (2013). Contributo da atividade física para a melhoria do perfil psicomotor em crianças portadoras de deficiência. *Revista Digital EFDeportes*, 18, (182). Retrieved from <https://www.efdeportes.com/efd182/atividade-fisica-para-portadoras-de-deficiencia.htm>
- Morato, P., & Santos, S. (2007). Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais: a Mudança de Paradigma na Conceção da Deficiência Mental. *Revista de Educação Especial*. 14, 51-55.
- Morato, P., & Santos, S. (2012). Dificuldade Intelectual e Desenvolvimental. A mudança de Paradigma na conceção de Deficiência Mental. In Sanches, I.; Costa, M.; Mota, A. e Santos, A. (org). *Para uma Educação Inclusiva: dos conceitos às práticas*. (11-17) CEIFF. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnológica. (ebook)
- Murray, M. (1991). Eficácia del Liderazgo. In Jean Williams (Ed) *Psicología Aplicada al Deporte*. Madrid, Biblioteca Nueva. 157-176.
- Nihira, K. (2012). AAMR Adaptative Behavior Scale: Its History. In S. Santos e P. Morato (Eds.), *Comportamento Adaptativo: Dez anos depois* (75-82). Cruz Quebrada: Edições FMH;
- Nogić, G. (2014) *Estilo de Liderança dos Treinadores de Basquetebol em Portugal - Perceção, Preferência e Nível de Satisfação dos atletas da Liga Profissional Masculina* (Master's thesis). Instituto Politécnico de Santarém, Escola Superior de Desporto de Rio Maior, Rio Maior.
- Oliveira, J. C. P. d., Oliveira, A. L. d., Morais, F. d. A. M., Silva, G. M. d., & Silva, C. N. M. d. (2016). *O Questionário, O Formulário e A Entrevista como Instrumentos de Coleta de Dados: Vantagens e Desvantagens do seu uso na Pesquisa de Campo em Ciências Humanas*. Paper presented at the III Congresso Nacional de Educação - Conedu, Estado do Rio Grande do Norte.
- Oliveira, J., & Chamarelli, J. (2011). Liderança Situacional: Eficácia da Liderança do Gestor de Recursos Humanos. *Revista Cognitio*, Centro de Pós-Graduação Unilins, 1.
- Pacheco, B., & Valencia, R. (1997). Deficiência Mental. In R. Bautista. *Necessidades Educativas Especiais*. Lisboa: Dinalivro.
- Paquete, M., Dias, C., Corte-Real, N., & Fonseca, A. (2012) Liderança no desporto adaptado: Um estudo com atletas de Boccia e de Basquetebol em cadeira de rodas. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 12(2),82-100.
- Petrica, J. (2003). *A formação de professores de Educação Física*. Tese de Doutoramento, UTAD. Vila Real.
- Potter, J. (1987). Desporto para deficientes. In *Desporto e Sociedade - antologia de textos, nº57*. Ministério da Educação. Direcção Geral dos Desportos. Lisboa.
- Prodanov, C. C., & Freitas, E. C. (2013). *Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico* (Feevale Ed.2ª Edição ed.). Novo Hamburgo.
- Rafferty, S., & Wyon, M. (2006). Aplicação da Escala de Liderança para o Ensino da Técnica do Esporte na Dança. *Journal of Dance Medicine & Science*, 10 (8), 6-13.
- Rimmer, J. H., Riley, B., Wang, E., Rauworth, A., & Jurkowski, J. (2004). Physical Activity Participation Among Persons with Disabilities. Barriers and Facilitators. *American Journal of Preventive Medicine*, 26 (5), 419-425.

Rivas, D. S., & Vaíllo, R. R. (2012). *Actividades Físicas y Deportes Adaptados para Personas con Discapacidad*. Barcelona: Editorial Paidotribo.

Roberton, T., Bucks, R. S., Skinner, T. C., Allison, G. T., & Dunlop, S. A. (2011). Barriers to Physical Activity in Individuals with Spinal Cord Injury: A Western Australian Study. *Australian Journal of Rehabilitation Counselling*, 17 (2), 74-88.

Ruiz, R. (2006). Diferencias de liderazgo en entrenadores de judo a nivel competitivo. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, 6(2), 21-38.

Sanches-Ferreira, M., Lopes-dos-Santos, P., & Santos, M. (2012). A desconstrução do conceito de Deficiência Mental e a construção do conceito de Incapacidade Intelectual: de uma perspectiva estática a uma perspectiva dinâmica da funcionalidade. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 18 (4): 553-568

Santos, P. B., & Fonseca, W. C. (2010). Um estudo sobre o estilo de liderança técnica preferido pelas jogadoras de vôlei. Retrieved from www.psicologia.pt/artigos/

Santos, S. (1999). Comportamento Adaptativo – estudo da Escala de Comportamento Adaptativo Escolar (ECA-E) a um grupo de crianças e jovens com Deficiência Mental e com as idades compreendidas entre os 4 e os 14 anos de idade em meio urbano (área da Grande Lisboa) (Unpublished master's thesis). Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa.

Santos, S. (2010). A Dificuldade Intelectual e Desenvolvimental na Atualidade. PróInclusão: Associação Nacional de Docentes de Educação Especial: Dossier Temático. *Revista Educação Inclusiva*. 1 (2). 1-16.

Santos, S. (2019). *Como lidar com a Dificuldade Intelectual e Desenvolvimental*. Cruz Quebrada: Flora Editora

Santos, S., & Morato, P. (2012a). Acertando o Passo! Falar de Deficiência Mental é um erro: Deve falar-se de Dificuldade Intelectual e Desenvolvimental (DID). Porquê? *Revista Brasileira de Educação Especial*. 18 (1): 3-16.

Santos, S., & Morato, P. (2012b). A Escala de Comportamento Adaptativo Portuguesa como um instrumento fundamental na avaliação da Dificuldade Intelectual e Desenvolvimental. In Mendes, E. e Almeida, M. (org). *Dimensões Pedagógicas nas Práticas de Inclusão Escolar. Coleção Inclusão Escolar*. Volume 2: 197-214. Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial. Marília, Brasil.

Santos, S., & Morato, P. (2012c). A Escala de Comportamento Adaptativo – versão Portuguesa. In S. Santos e P. Morato (Eds.). *Comportamento Adaptativo: Dez anos depois*. (83-100) Cruz Quebrada: FMH edições

Santos, S., & Morato, P. (2012d). O comportamento adaptativo em Portugal. In S. Santos e P. Morato (Eds). *Comportamento adaptativo: Dez anos depois* (p. 19–33). Cruz Quebrada: Edições FMH.

Santos, S., & Morato, P. (2012e). O Comportamento Adaptativo em Portugal por região. in S. Santos e P. Morato (Edts). *Comportamento Adaptativo – 10 anos depois* (149-165). Edições FMH

Santos, S., & Morato, P. (2016). O comportamento adaptativo no currículo. *Journal of Research in Special Educational Needs*. 16(1): 736-740 Doi: 10.1111/1471-3820.12330

Santos, S., Ferreira, M., Brandão, T., Morato, T., Espadinha, C., Rodrigues, A., & Cruz, V. (2014). A Educação Especial no início do século XXI em Portugal. *Revista de Educação Especial e Reabilitação*. IV Série, 21, 103-122

Santos, S., Morato, P. & Luckasson, R. (2014). Psychometric Properties of the Portuguese Version of the Adaptive Behavior Scale. *Intellectual and Developmental Disabilities*, 52 (5): 379-387. doi: 10.1352/1934-9556-52.5.379

Santos, S.; Morato, P. (2002). Comportamento Adaptativo. Porto Editora. Coleção Educação Especial, n.8.

Saraiva, J. P., Almeida, M. R., Oliveira, C., Fernandes, R., & Cruz-Santos, A. (2013). Desporto adaptado em Portugal: Do conceito à prática. *Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde*, 18 (5), 623-635.

Sasaki, R. (2005). Deficiência Mental ou Intelectual? Doença ou Transtorno Intelectual? *Revista Nacional de Reabilitação*, 43, 9-10.

Schalock, R., Luckasson, R., Bradley, V., Buntinx, W., Lachapelle, Y., Shogren, K., [...] & Wehmeyer, M. (2012). *User's guide to accompany the 11th edition of Intellectual disability: Definition, classification, and systems of support: Applications for clinicians, educators, organizations providing supports, policy makers, family members and advocates, and health care providers*. Washington DC: American Association on Intellectual and Developmental Disabilities.

Schalock, R., Luckasson, R., Shogren, K., Borthwick-Duffy, S., Bradley, V., Buntinx, W., Coulter, D., Craig, E., Gomez, S., Lachapelle, Y., Reeve, A., Snell, M., Spreat, S., Tassé, M., Thompson, J., Verdugo, M., & Yeager, M. (2007). Perspectives: The renaming of mental retardation: Understanding the change to the term intellectual disability. *Intellectual and Developmental Disabilities*. 45. 116-124, doi: 10.1352/1934-9556(2007)45[116:TROMRU]2.0.CO;2

Serpa, S. (1990). O treinador como líder: panorama atual da investigação. *Ludens*, 12(2), 23-32.

Serpa, S., Lacoste, P., Antunes, I., Pataco, V., & Santos, F. (1988) – *Metodologia de tradução e adaptação de um teste específico de desporto – a Leadership Scale for Sports*. II Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia, Lisboa.

Shepherd, D. J., Lee, B., & Kerr, J. H. (2006). Reversal theory: A suggested way forward for an improved understanding of interpersonal relationship in sport. *Psychology of Sport and Exercise*, 7, 143-157. doi:10.1016/j.psychsport.2005.08.003

Silva, A. (1991). *Desporto para Deficientes: Corolário de uma Evolução Conceptual*. (Unpublished master's thesis). Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto, Porto.

Simim, M. A. M., & Noce, F. (2006a). *Análise do conceito de disciplina em um grupo de capoeira*. Anais do IV Fórum Brasil Esporte - Buscando Excelência Esportiva, Belo Horizonte, MG, Brasil.

Simim, M. A. M., Paiva, G. R., & Noce, F. (2005). *Análise do perfil de liderança de praticantes de capoeira*. Fiep Bulletin Special Edition, Foz do Iguaçu, PR, Brasil

Simim, M.A.M., & Noce, F. (2012). Análise do perfil de liderança percebido por praticantes de capoeira. *Motricidade*, 8(2),956-963.

Sonoo, C., Hoshino, E., & Vieira, L. (2008). Liderança esportiva: estudo da percepção de atletas e técnicos no contexto competitivo. *Psicologia: Teoria e Prática*, 10(2), 68-82.

Souza, S., Serpa, S., Colaço, C., & Canato, T. (2009). A percepção de atletas de diferentes categorias do futebol sobre o comportamento dos treinadores: comportamento percebido e ideal. *Rev. bras. Educ. Fís. Esporte, São Paulo*, 23(2), 155-170.

Special Olympics [SO]. (2018). *Special Olympics*. Retrieved from <https://www.specialolympics.org/programs/europe-eurasia/portugal>

Sullivan, P. J., & Kent, A. (2003). Coaching efficacy as a predictor of leadership style in intercollegiate athletics. *Journal of Applied Sport Psychology*, 15, 1-11.

Tassé, M., Luckasson, R., & Schalock, R. (2016). The relation between Intellectual Functioning and Adaptive Behavior in the diagnosis of Intellectual Disability. *Intellectual and Developmental Disabilities*. 54 (6): 381-390, doi: 10.1352/1934-9556-54.6.381

Tassé, M., Schalock, R., Balboni, G., Bersani, H., Borthwick-Duffy, S., Spreat, S., Thissen, D., Widaman, F., & Zhang D. (2012). The construct of adaptive behavior: its conceptualization, measurement, and use in the

field of intellectual disability. *American Journal on intellectual and developmental disabilities*. 177, (4), 291-303

Thompson, J., Bradley, V., Buntinx, W., Schalock, R., Shogren, K., Snell, M., ... Yeager, M. (2009). Conceptualizing supports and the support needs of people with intellectual disability. *Intellectual and Developmental Disabilities*, 47(2), 135–146. doi: 10.1352/1934- 9556-47.2.135

Tuckman, B. (2000). *Manual de Investigação em Educação*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian.

Varela, A. (1991). O desporto para pessoas com deficiência. Expressão distinta do desporto. *Revista Educação Física Especial*. 5-6; 53-62.

Vaughan, R. (2017). Measuring leadership scale in sports coaching. In: O'Boyle, I., Murray, D., Cummins, P. (Eds), *Leadership in Sport* (p. 211-227).

Verdugo, M.; Schalock, R. (2010). Últimos avances en el enfoque y concepción de las personas com discapacidad intelectual. *Revista Española sobre Discapacidad Intelectual*. v.41, n.236, p.7-21.

Vitorino, A., Monteiro, D., Moutão, J., Morgado, S., Bento, T., & Cid, L. (2015). Atividade Física Adaptada na População com Necessidades Especiais. Desporto e Atividade Física para Todos. *Revista Científica da FPDD*, 1(1),47-51.

Wałach-Biśta, Zuzanna (2013). A Polish Adaptation of Leadership Scale for Sports – A Questionnaire Examining Coaching Behavior. *Human Movement*, 14(3), -. doi:10.2478/humo-2013-0032

Weinberg, R. S., & Gould, D. (2001). *Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed.

Winnick, J. (1990). History, legislation and professional resources. In J. Winnick (Ed.), *Adapted Physical Education and Sport*. Human Kinetics Books. Champaign, Illinois, 3-17.

Yang, S. X., & Jowett, S. (2012). Psychometric properties of the coach-athlete relationship questionnaire (CART-Q) in seven countries. *Psychology of Sport and Exercise*, 13, 36-43. doi: 10.1016/j.psychsport.2011.07.010.

Yazicioglu, K., Yavuz, F., Goktepe, A. S., & Tan, A. K. (2012). Influence of Adapted Sports on quality of life and life satisfaction in sport participants and non-sport participants with physical disabilities. *Disability and Health Journal*. 5 (4), 249-253.

Yukl, G. (2002). *Leadership in organizations (5th ed)*. Upper Saddle River, NJ: Prentice Hall.

7. Anexos

Anexo A- Questionário aplicado aos treinadores (versão autoperceção)

Instituto Politécnico De Castelo Branco
Escola Superior De Educação

ESCALA DE LIDERANÇA NO DESPORTO (ELD)

Versão Autoperceção

P. CHELLADURAI & S.D. SALEH.


Adaptação S. Serpa, P. Lacoste, I. Antunes, V. Pataco, F. Santos

Cada enunciado, descreve um comportamento específico que o treinador pode manifestar. Em cada um deles, existem cinco hipóteses de escolha:

 NUNCA.






 RARAMENTE (cerca de 25% das vezes)

 OCASIONALMENTE (50% das vezes)

 FREQUENTEMENTE (cerca de 75% das vezes)

 SEMPRE

Indique, por favor, a sua preferência, colocando um “ X “, no espaço respetivo. Responda a todas as questões mesmo que hesite em certos casos. Note que isto não é uma avaliação do seu treinador atual, é a sua preferência pessoal que interessa marcar.

EU, ENQUANTO TREINADOR,					
1. Procuo que os atletas obtenham o máximo rendimento					
2. Pergunto aos atletas as suas opiniões sobre as estratégias a utilizar em determinadas situações					
3. Auxílio os atletas nos seus problemas pessoais					
4. Felicito o atleta pelo seu bom resultado na presença de outros					
5. Explico a cada atleta os aspetos técnicos e tácticos do desporto praticado					
6. Planifico sem consultar os atletas					
7. Auxílio os membros do grupo a resolver os seus conflitos					
8. Presto atenção particular à correção dos erros dos atletas					
9. Obtenho a aprovação do grupo sobre questões importantes antes de prosseguir					
10. Informo o atleta quando ele tem uma boa execução					
11. Certifico-me que o meu papel de treinador na equipa é entendido por todos os atletas					
12. Não dou explicações sobre as minhas ações					
13. Zelo pelo bem-estar pessoal dos atletas					
14. Ensino individualmente as técnicas da modalidade					
15. Deixo os atletas participar na tomada de decisão					
16. Procuo que o atleta seja recompensado por um bom resultado					
17. Prevejo antecipadamente o que deve ser feito					
18. Encorajo os atletas a apresentar sugestões sobre o desenrolar dos treinos					

19. Presto favores pessoais aos atletas					
20. Explico a cada atleta o que este deve fazer e o que não deve fazer					
21. Deixo os atletas estabelecerem os seus próprios objetivos					
22. Exprimo o afeto que sinto pelos atletas					
23. Espero que cada atleta cumpra rigorosamente as suas tarefas					
24. Deixo os atletas executar à sua própria maneira mesmo que cometam erros					
25. Encorajo os atletas a confiar em mim					
26. Indico a cada atleta os seus pontos fortes e fracos					
27. Recuso qualquer tipo de compromisso					
28. Mostro a minha satisfação quando um atleta obtém um bom resultado					
29. Dou a cada atleta informações específicas sobre o que deverá ser feito em cada situação					
30. Peço a opinião dos atletas sobre aspetos importantes do treino					
31. Encorajo as relações amigáveis e informais com os atletas					
32. Procuo coordenar os esforços dos atletas					
33. Permito que os atletas trabalhem no seu próprio ritmo					
34. Mantenho uma distância na relação com os atletas					
35. Explico como a contribuição de cada atleta se integra nos objetivos gerais da equipa					
36. Convido os atletas para a minha casa					
37. Reconheço o mérito quando ele existe					
38. Explico detalhadamente o que se espera dos atletas					

39. Deixo os atletas decidir quais as tarefas a realizar durante um encontro					
40. Falo de forma a desencorajar perguntas					

Anexo B- Questionário aplicado aos atletas (versão preferências)

Instituto Politécnico De Castelo Branco
Escola Superior De Educação

ESCALA DE LIDERANÇA NO DESPORTO (ELD)


Versão Preferências

P. CHELLADURAI & S.D. SALEH.


Adaptação S. Serpa, P. Lacoste, I. Antunes, V. Pataco, F. Santos

Cada enunciado, descreve um comportamento específico que o treinador pode manifestar. Em cada um deles, existem cinco hipóteses de escolha:

 NUNCA.






 RARAMENTE (cerca de 25% das vezes)

 OCASIONALMENTE (50% das vezes)

 FREQUENTEMENTE (cerca de 75% das vezes)

 SEMPRE

Indique, por favor, a sua preferência, colocando um “ X “, no espaço respetivo. Responda a todas as questões mesmo que hesite em certos casos. Note que isto não é uma avaliação do seu treinador atual, é a sua preferência pessoal que interessa marcar.

PREFIRO UM TREINADOR QUE,					
1. Procure que os atletas obtenham o máximo rendimento					
2. Pergunte aos atletas as suas opiniões sobre as estratégias a utilizar em determinadas situações					
3. Auxilie os atletas nos seus problemas pessoais					
4. Felicite o atleta pelo seu bom resultado na presença de outros					
5. Explique a cada atleta os aspetos técnicos e tácitos do desporto praticado					
6. Planifique sem consultar os atletas					
7. Auxilie os membros do grupo a resolver os seus conflitos					
8. Preste atenção particular à correção dos erros dos atletas					
9. Obtenha a aprovação do grupo sobre questões importantes antes de prosseguir					
10. Informe o atleta quando ele tem uma boa execução					
11. Certifique-se que o seu papel de treinador na equipa é entendido por todos os atletas					
12. Não dê explicações sobre as suas ações					
13. Zele pelo bem-estar pessoal dos atletas					
14. Ensine individualmente as técnicas da modalidade					
15. Deixe os atletas participar na tomada de decisão					
16. Procure que o atleta seja recompensado por um bom resultado					
17. Preveja antecipadamente o que deve ser feito					
18. Encoraje os atletas a apresentar sugestões sobre o desenrolar dos treinos					
19. Preste favores pessoais aos atletas					

20. Explique a cada atleta o que este deve fazer e o que não deve fazer					
21. Deixe os atletas estabelecerem os seus próprios objetivos					
22. Exprima o afeto que sente pelos atletas					
23. Espere que cada atleta cumpra rigorosamente as suas tarefas					
24. Deixe os atletas executar à sua própria maneira mesmo que cometam erros					
25. Encoraje os atletas a confiar nele					
26. Indique a cada atleta os seus pontos fortes e fracos					
27. Recuse qualquer tipo de compromisso					
28. Mostre a sua satisfação quando um atleta obtém um bom resultado					
29. Dê a cada atleta informações específicas sobre o que deverá ser feito em cada situação					
30. Peça a opinião dos atletas sobre aspetos importantes do treino					
31. Encoraje as relações amigáveis e informais com os atletas					
32. Procure coordenar os esforços dos atletas					
33. Permita que os atletas trabalhem no seu próprio ritmo					
34. Mantenha uma distância na relação com os atletas					
35. Explique como a contribuição de cada atleta se integra nos objetivos gerais da equipa					
36. Convide os atletas para a sua casa					
37. Reconheça o mérito quando ele existe					
38. Explique detalhadamente o que se espera dos atletas					
39. Deixe os atletas decidir quais as tarefas a realizar durante um encontro					

40. Fale de forma a desencorajar perguntas					
---	--	--	--	--	--

Anexo C- Questionário aplicado aos atletas (versão percepção)

Instituto Politécnico De Castelo Branco
Escola Superior De Educação

ESCALA DE LIDERANÇA NO DESPORTO (ELD)

Versão Percepção

P. CHELLADURAI & S.D. SALEH.


Adaptação S. Serpa, P. Lacoste, I. Antunes, V. Pataco, F. Santos

Cada enunciado, descreve um comportamento específico que o treinador pode manifestar. Em cada um deles, existem cinco hipóteses de escolha:

 NUNCA.






 RARAMENTE (cerca de 25% das vezes)

 OCASIONALMENTE (50% das vezes)

 FREQUENTEMENTE (cerca de 75% das vezes)

 SEMPRE

Indique, por favor, a sua preferência, colocando um “ X “, no espaço respetivo. Responda a todas as questões mesmo que hesite em certos casos. Note que isto não é uma avaliação do seu treinador atual, é a sua preferência pessoal que interessa marcar.

O MEU TREINADOR,					
1. Procura que os atletas obtenham o máximo rendimento					
2. Pergunta aos atletas as suas opiniões sobre as estratégias a utilizar em determinadas situações					
3. Auxilia os atletas nos seus problemas pessoais					
4. Felicita o atleta pelo seu bom resultado na presença de outros					
5. Explica a cada atleta os aspetos técnicos e táticos do desporto praticado					
6. Planifica sem consultar os atletas					
7. Auxilia os membros do grupo a resolver os seus conflitos					
8. Presta atenção particular à correção dos erros dos atletas					
9. Obtém a aprovação do grupo sobre questões importantes antes de prosseguir					
10. Informa o atleta quando ele tem uma boa execução					
11. Certifica-se que o seu papel de treinador na equipa é entendido por todos os atletas					
12. Não dá explicações sobre as suas ações					
13. Zela pelo bem-estar pessoal dos atletas					
14. Ensina individualmente as técnicas da modalidade					
15. Deixa os atletas participar na tomada de decisão					
16. Procura que o atleta seja recompensado por um bom resultado					
17. Prevê antecipadamente o que deve ser feito					
18. Encoraja os atletas a apresentar sugestões sobre o desenrolar dos treinos					
19. Presta favores pessoais aos atletas					

20. Explica a cada atleta o que este deve fazer e o que não deve fazer					
21. Deixa os atletas estabelecerem os seus próprios objetivos					
22. Exprime o afeto que sente pelos atletas					
23. Espera que cada atleta cumpra rigorosamente as suas tarefas					
24. Deixa os atletas executar à sua própria maneira mesmo que cometam erros					
25. Encoraja os atletas a confiar nele					
26. Indica a cada atleta os seus pontos fortes e fracos					
27. Recusa qualquer tipo de compromisso					
28. Mostra a sua satisfação quando um atleta obtém um bom resultado					
29. Dá a cada atleta informações específicas sobre o que deverá ser feito em cada situação					
30. Pede a opinião dos atletas sobre aspetos importantes do treino					
31. Encoraja as relações amigáveis e informais com os atletas					
32. Procura coordenar os esforços dos atletas					
33. Permite que os atletas trabalhem no seu próprio ritmo					
34. Mantém uma distância na relação com os atletas					
35. Explica como a contribuição de cada atleta se integra nos objetivos gerais da equipa					
36. Convida os atletas para a sua casa					
37. Reconhece o mérito quando ele existe					
38. Explica detalhadamente o que se espera dos atletas					
39. Deixa os atletas decidir quais as tarefas a realizar durante um encontro					

40. Fala de forma a desencorajar pergunta					
--	--	--	--	--	--

Anexo D- Consentimento Informado apresentado às Instituições, atletas e treinadores presentes no estudo



- Pedido de autorização -

Exmo. Senhor:

Assunto: Pedido de autorização para a realização de uma investigação subordinada ao tema: “Perfil de Liderança de Treinadores na Área do Desporto Adaptado”.

Eu, Inês Vieira Fernandes, licenciada em Desporto e Atividade Física na especialidade de Desporto Adaptado, e aluna de mestrado na Escola Superior de Educação, orientada pela Professora Doutora Helena Mesquita e pelo professor Doutor Marco Batista, venho por este meio, solicitar a autorização para a realização do estudo acima citado com os atletas e treinadores da sua instituição.

Este estudo tem como objetivo avaliar o perfil do treinador de desporto adaptado que trabalha com desportistas com Défice Intelectual e Desenvolvidamental, bem como o seu estilo de liderança.

Assume-se o compromisso de total salvaguarda do anonimato tanto dos atletas, treinadores e instituição.

Adicionalmente, será apresentado um termo de explicação das condições de participação no estudo a todos os participantes, acompanhado de um termo de consentimento informado, no qual será, por nós, formalmente assumido o estrito cumprimento das regras de conduta ética em investigação.

Certo que compreenderá a pertinência desta investigação para a nossa prática desportiva, agradeço desde já a atenção e disponibilidade.

Com os melhores cumprimentos,

Inês Fernandes

_____ (local), _____ (dia e mês) de 2018

A Diretora Técnica